

ERNESTINA

OU CENAS DA VIDA
CONTEMPORÂNEA



ORG. JHONNATA DOS SANTOS
NOGUEIRA DA CONCEIÇÃO

AP

ASA DA PALAVRA



ERNESTINA
OU CENAS DA VIDA
CONTEMPORÂNEA

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

F844e França, Gabriella de Jesus Ferreira, 1830-1911.

Ernestina ou cenas da vida contemporânea / Gabriella de Jesus Ferreira França ; organização: Jhonnata dos Santos. – Campinas, SP : Asa da Palavra, 2023.

194 p.

ISBN 978-65-87407-29-6

E-book no formato PDF

1. Ficção brasileira. 2. Prosa. I. Santos, Jhonnata dos, 2000-.

III. Título.

CDD: B869.34

Copyright © 2023 by Asa da Palavra

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19 fev. 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Conselho Editorial da Asa da Palavra

Daniela Birman

Érica Lima

Jacqueline Peixoto Barbosa

Jefferson Cano

Lúcia Granja

Marcos Siscar

Mário Frungillo

Viviane Veras

Direitos reservados à

Asa da Palavra

Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571

Campinas – SP – Brasil – CEP: 13083-859

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/asa-da-palavra/>

Instagram: @asadapalavraeditora

Facebook: /asadapalavraeditora

Twitter: @asadapalavra_

ERNESTINA
OU CENAS DA VIDA
CONTEMPORÂNEA

Gabriella de Jesus Ferreira França

Org. Jhonnata dos Santos Nogueira
da Conceição

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I	41
Capítulo II	45
Capítulo III	49
Capítulo IV	54
Capítulo V	59
Capítulo VI	63
Capítulo VII	66
Capítulo VIII	72
Capítulo IX	75
Capítulo X	80
Capítulo XI	84
Capítulo XII	89

SEGUNDA PARTE

Capítulo I	97
Capítulo II	100
Capítulo III	105
Capítulo IV	109
Capítulo V	112
Capítulo VI	115
Capítulo VII	117

Capítulo VIII	121
Capítulo IX	124
Capítulo X	127
Capítulo XI	131

TERCEIRA PARTE

Capítulo I	137
Capítulo II	140
Capítulo III	143
Capítulo IV	147
Capítulo V	153
Capítulo VI	157
Capítulo VII	161
Capítulo VIII	168
Capítulo IX	173
Capítulo X	179

NOTAS	185
REFERÊNCIAS	195



Apresentação

Jhonnata dos Santos N. da Conceição

Entre muitas possibilidades, uma alternativa: a motivação desta escrita

Esta introdução não abordou a narrativa de *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, mas de como ela se tornou um livro, com o intuito de desconstruir o imaginário de que um livro nasce puramente da genialidade do autor, no nosso caso, da autora. Tudo começou com a postura teórico-política de resgatar obras em prosa ficcional do século XIX que não estavam em circulação. Tomando isso como pressuposto, criou-se uma dificuldade: pensar além do que está posto e nos lugares em que esses textos ficcionais estão postos. Pois, se eu partisse da história literária contada nos livros canônicos, essa edição de *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, de Gabriella de Jesus Ferreira França, não seria possível.

É aí que reside parte do poder do cânone, ao criar um imaginário sobre um determinado período, que, muitas vezes, aceitamos sem questionar, acreditando que ele contém tudo o que há para ser lido, como se os acontecimentos tivessem sido uniformes e lineares como apresentados nas histórias literárias. Nos estudos da linguagem, especificamente nos Estudos Literários, muitas coisas ainda precisam ser redescobertas, caro leitor, e a forma como isso é feito e por que em determinado período e não em outro é o que caracteriza uma pesquisa que produz um avanço no conhecimento.

A redescoberta de Gabriella de Jesus Ferreira França não aconteceu por meio de uma breve pesquisa no *Google* ou da leitura de uma lista de “autoras esquecidas” que costumam pipocar nas manchetes jornalísticas contemporâneas. Seu renascimento aconteceu a partir da leitura do periódico *Cidade do Salvador* (BA), de 1898, disponibilizado e digitalizado pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nesse mesmo ano, o periódico baiano publicou em folhetim *Maria do Patrocínio ou Patrocínio de Nossa Senhora e Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, sob o pseudônimo de “Por uma fluminense”. Quem seria essa fluminense?

Guiado por essa pergunta, identifiquei a escritora na *Cronologia da prosa de ficção*¹ publicada no Brasil durante o século XIX, elaborada

pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales em sua pesquisa de doutorado, orientada pela Profa. Dra. Márcia Abreu em 2004. Nela, constavam três obras de Gabriella de Jesus Ferreira França: *Maria do Patrocínio ou o Patrocínio de Nossa Senhora* (1879), *Contos brasileiros: livro de Antonico* (1881) e *Ernestina ou cenas da vida contemporânea* (1884). Tanto *Maria do Patrocínio* quanto *Ernestina* foram publicadas em periódicos, enquanto *Contos brasileiros: livro de Antonico* foi editado em volume, cuja terceira edição foi digitalizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo (USP).

As outras duas obras da escritora também circularam primeiro no formato livro, saindo da tipografia Salesiana, do colégio de Artes e Ofícios em Santa Rosa, Niterói-RJ, conforme informado pela *Gazeta de Notícias* (RJ)² em 1888. Isso já nos revelava um movimento editorial pouco convencional para o período, pois, geralmente, os romances saíam primeiro no formato de folhetim e, conquistado o público, ganhavam uma edição impressa. Entretanto, essas edições se perderam no tempo.

Escolhi resgatar *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, publicado em volume, em 1884, e em folhetim, em 1898, no periódico *Cidade do Salvador* (BA), devido à sua qualidade material, uma vez que se encontra completo e sem rasuras nesse mesmo jornal. Diferentemente, em

Maria do Patrocínio ou O Patrocínio de Nossa Senhora, de 1879, faltam partes significativas para o entendimento da narrativa, o que impossibilita uma transcrição completa do romance.

Em suma, a motivação desta edição surge de uma postura teórico-política ao escolher colocar em circulação o texto de uma escritora oitocentista, apagada pelas histórias literárias. Surge também do desejo de recolocar em circulação uma mulher escritora e não um homem escritor, para não contribuir com o “memoricídio” da autoria feminina³ de Gabriella de Jesus Ferreira França.

Quem foi essa escritora?

Contar quem foi Gabriella de Jesus Ferreira França (?-1911) é lidar com os fragmentos do passado, pois sequer a data de seu nascimento é conhecida. Não se tem disponível uma biografia sobre ela ou mesmo um trabalho de cunho mais acadêmico, como um artigo científico ou uma dissertação. É nesse mar nebuloso que o leitor, interessado em saber quem é a “dona” dessa história, se encontrará. Aqui, ofereço um bote para que não se afogue. Assim, as informações apresentadas neste texto partem da interpretação de fontes primárias disponíveis sobretudo em periódicos da época, isto é, notas de falecimentos, anúncios de livros, notas de recebimento e

notícias de doações, além da participação da autora em eventos religiosos. Para que tenha sua própria interpretação e, se for do seu interesse, verifique essas fontes em sua materialidade, deixo como *hiperlink* o acesso aos dados.

Objetivamente, Gabriella de Jesus Ferreira França foi uma professora de francês, inglês, espanhol e italiano, além de ser literata brasileira e devota da educação e do catolicismo. De acordo com a [*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*](#),⁴ pertencia à família dos Françaes que teve como patriarca Dr. Antonio Ferreira França que, durante o Brasil Império, atuou como representante da província da Bahia na Constituinte de 1823, na Corte de Lisboa. Ele teve três filhos e a escritora descendeu de seu filho mais novo, Dr. Ernesto França, que era juiz e amante das Belas-Letras. A importância dessas informações breves, encontradas no documento sobre a família França, residiu no fato de a escritora ser a única mulher da família citada na posteridade, devido à sua atuação literária em vida.

Entendida como uma escritora da moral, ela dedicou suas obras à educação dos jovens e das moças de sua época, impulsionada pela sua devoção à religião. Foi uma das fundadoras do asilo Bom Pastor na cidade de Niterói, local que abrigava idosos e crianças órfãs. Além disso, seu livro *Contos brasileiros: livro de Antonico*, publicado em 1881, foi aprovado pelo Ministério do

Império para ser utilizado como livro de leitura na 1ª série das escolas públicas de ensino primário, como pode ser verificado no periódico *Jornal do Commercio* (RJ).⁵ As informações às quais tive acesso levam a crer que Gabriella de Jesus Ferreira França não teve filhos nem marido, pois nas notas sobre seu falecimento e nas missas realizadas em sua homenagem não são mencionados filhos, marido ou viuvez como atributos para identificá-la aos leitores do jornal, o que era comum nesse tipo de texto.

É importante ressaltar que essas informações são apenas hipóteses sobre a vida da escritora. Para corroborá-las, seria necessário ter acesso ao atestado de óbito ou à certidão de nascimento, ou algum documento semelhante, o que não foi possível até o momento. Fica o convite para que aqueles que possam se dedicar a buscar essas informações possam contribuir para ampliar o conhecimento sobre a vida da escritora.

Anuncia-se: *Ernestina* em seu contexto e circulação

Das três obras da autora, aquela sobre a qual se tem mais informações é *Contos brasileiros: livro de Antonico*, na medida em que se encontram diversos anúncios e requerimentos para compra de exemplares nos periódicos digitalizados e disponíveis na Hemeroteca Digital

da Biblioteca Nacional, no período entre 1850 e 1899. Em relação a *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, eu localizei três anúncios, publicados em 1888, acerca do recebimento de um exemplar do romance, que nos permitiram discutir alguns aspectos de sua circulação e de seu contexto de publicação.

No jornal *O Fluminense* (RJ),⁶ foi publicado o seguinte “Recebemos um volume da obra *Ernestina ou scenas da vida contemporânea*, impressa com nitidez na officina dos Revms. padres Salesianos. Agradecemos”. No mesmo dia, no jornal *O Apostolo: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade* (RJ)⁷ publicou:

Recebemos um exemplar do interessante romance — Ernestina ou scenas da vida contemporânea, escrito por D. Gabriela França, uma das mais inteligentes e illustradas senhoras de nossa sociedade, e publicado no collegio dos Salesianos. É um dos melhores romances que se têm publicado entre nós, quer por suas **scenas naturaes, quadros bem descriptos, linguagem fácil e amena, quer pela mais escrupolosa moralidade**. É, sem dúvida, um livro de honra a bibliotheca de qualquer senhora que se dê à literatura. Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido. (Grifo meu)

Ambos os trechos revelavam, inicialmente, uma estratégia editorial da época, conforme mencionado por Ozângela de Arruda Silva em

sua dissertação de mestrado intitulada *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*, de 2009. No terceiro capítulo, intitulado “Tecendo os fios: a produção editorial e conexões comerciais no século XIX”, a autora comenta que tais recebimentos não eram simplesmente doações por parte dos editores, e sim uma forma de difusão, pois os jornais já exerciam um papel ativo na divulgação e circulação de ideias. Ao pensar na relação entre autor, editora, livro e público, o jornal “integrava-se às redes de sociabilidade do editor, apresentava as obras para seus leitores e procurava se legitimar como ‘leitor-crítico’, apto a indicar leituras”.⁸

Esse intuito de legitimação se expressou no trecho em **negrito** na citação, em que preceitos avaliativos próprios da retórica foram utilizados para a apreciação da obra. Há também outros modos de valoração, uma vez que o jornal fez um breve elogio à autora, um comentário ao livro e sugeriu até mesmo o público ao qual a obra se destinava. Constitui, portanto, na leitura de Gilberto Freyre, uma “oferta pública” com intenção de

atrair, prender, absorver a atenção do leitor de jornal, de modo especial: com objetivos práticos e imediatos, através de palavras capazes de conquistar o leitor para o anunciante ou para o objeto anunciado, à revelia de compreensão do

assunto ou de reflexão sobre o mesmo objeto da parte do leitor sugestionado. Objeto que tanto pode ser um tipo de calçado, como um tipo de vinho, um cavalo ou uma casa.⁹

Os anúncios em jornais e as informações sobre o editor de *Ernestina* também forneceram pistas sobre o contexto de produção da obra, revelando um circuito pedagógico já que a editora pertencia ao colégio Artes e Ofícios em Santa Rosa-Niterói (RJ). Arrisco-me a dizer que ela também desempenhava, não exclusivamente, o papel de livraria, porque o livro anterior da escritora, *Contos brasileiros: livro de Antonico* (1881), também tinha sido vendido na tipografia Salesiana. Cabe mencionar que, nesse mesmo período, já havia um número diverso de livrarias como a Livraria Econômica, de Serafim José Alves, a Livraria Popular, de Cruz Coutinho, a Livraria do Povo, de Pedro da Silva Quaresma, a Livraria Garnier, entre outras, o que contribuiu para o processo de barateamento dos preços dos livros.¹⁰

Na mesma página em que se tinha a nota de recebimento de *Ernestina* em *O Apostolo* (RJ), era anunciado *O Coruja*, de Aluísio de Azevedo, editado por B. L. Garnier, que na época, em paridade com Laemmert, eram os editores de maior prestígio.¹¹ Para o leitor de nossa época, é possível ter um rápido acesso a informações sobre a vida e a obra de Aluísio de Azevedo, enquanto sobre Gabriella de Jesus Ferreira França é ne-

cessário lidar com fragmentos do passado para se ter um mínimo de entendimento sobre quem foi a autora. E pensar que, em um momento da história, os títulos da obra de ambos dividiram a mesma página do jornal.

Esses anúncios estiveram relacionados à versão em livro de *Ernestina*, não se tratava, portanto, da publicação em folhetim, que ocorreu somente em 1898 no jornal *Cidade do Salvador* (BA)¹², sob o pseudônimo de “Por uma fluminense”, como mostrava o seguinte anúncio sobre a futura publicação do romance em folhetim no jornal:

Ernestina. É este o título de nosso folhetim, cuja publicação iniciaremos na próxima semana. Ernestina ou Scenas da vida contemporânea é uma segunda obra de uma distinta escritora, cuja modéstia não permite revelar seu nome, apenas nos permite saber que é uma escritora fluminense.

No Rio de Janeiro, na primeira circulação do livro, não houve uso do pseudônimo. Uma hipótese para tal recurso por parte do periódico é a da contrafação, ou seja, a publicação sem autorização do autor e sem pagamento de direitos autorais, o que era algo comum nesse período, principalmente com obras estrangeiras, traduzidas diretamente do original ou reproduzidas a partir de outras traduções, como a tradução portuguesa. Isso pode ter acontecido com a prosa

de Gabriella de Jesus Ferreira França, mas seria preciso realizar uma pesquisa mais aprofundada para comprovar a hipótese.

Perceba que não se tratava de anúncios com o objetivo de vender o romance, tanto que não se apresentava seu valor, um aspecto que hoje não fugiria aos nossos olhos na hora de comprar um livro. Infelizmente, caro leitor, não consegui verificar por quanto foi vendido *Ernestina*. Em contrapartida, localizei o valor de *Contos brasileiros: livro de Antonico*, vendido por 1\$500 réis¹³. Segundo El Far¹⁴, “na década de 1880, o preço cobrado por um livro em formato de brochura variava entre cem réis (\$100) a 1 mil-réis ou 2 mil-réis, conforme o número de páginas, o tratamento editorial e o gênero em questão”. Desse modo, o preço de *Contos brasileiros: livro de Antonico* era viável para os trabalhadores especializados, já que “um ferreiro[...] recebia, em 1888, 3\$333, por diária de serviço, ao passo que um trabalhador não especializado ganhava em torno de 1\$ 400 réis”.¹⁵ Portanto, a edição de *Ernestina* pode ter sido vendida por um valor aproximado ao da sua segunda obra, mas isso também é incerto.

Pela inspiração ou pelas contas? O viver da pena de Gabriella de Jesus Ferreira França

Além do preço do livro, foi importante pensar na remuneração da escritora, principalmente, no final do século XIX, um período de lutas para a consolidação dos direitos autorais e contexto contemporâneo à produção literária de Gabriella de Jesus Ferreira França.

Para se ter uma ideia das condições de produção do texto literário do século XIX, é interessante ter em mente que José de Alencar (1829-1871) foi uma figura importante no cenário oitocentista, mas não somente como um grande escritor do romantismo, como se aprende nos livros didáticos de literatura. Enquanto deputado pela província do Ceará e como ministro da Justiça, Alencar apresentou um projeto legislativo para proteção da propriedade intelectual – ele havia tido grandes aborrecimentos, pois, em 1857, sua obra *O Guarani* tinha sido publicada no Rio Grande sem sua autorização e ele também tinha preocupações financeiras sobre como ficariam seus herdeiros após sua morte.¹⁶ O projeto não foi aprovado, mas sinalizava que, em meados do século XIX, a contrafação e a falta de direitos sobre a propriedade intelectual, principalmente a literária, preocupavam escritores, tais como Aprígio Guimarães, Adolfo Caminha,

Bernardo Peixoto, Camilo Castelo Branco, entre outros, como se lê no artigo *A profissionalização dos escritores no século XIX*.¹⁷

Portanto, no cenário literário no qual Gabriella de Jesus Ferreira França iniciou sua carreira literária, esperava-se remuneração pela criação literária. Isso não significava dizer que sua produção estava voltada para o “viver da pena”, já que, como retratado na *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil (RJ)*, de 1924, a escritora era de uma família com poder político e aquisitivo, composta por magistrados, deputados, juízes e médicos. Nesse sentido, foi possível supor que Gabriella de Jesus Ferreira França não escreveu seus livros com uma preocupação financeira. A seguinte notícia publicada pelo *Jornal do Brasil (RJ)* em 1896 sustentou esse pensamento:

Damos com maior prazer publicidade à seguinte carta que nos foi enviada de S. Paulo, tanto mais quanto nela se faz justiça a distinta senhora, cujo nome involuntariamente omitimos em notícia que há dias inserimos sobre o asilo do Bom Pastor: ‘Sr. redactor. — Cumprimentando a v. peço permissão para oferecer mais um aditivo ao espaço histórico do Asylo do Bom Pastor, no Rio de Janeiro, que talvez fosse omitido pela grande modéstia que da parte do principal fundador existe.’

Como gosto de dar a Cezar o que é de Cezar, declaro que, se não fosse devido a grandes esforços da Exma. Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França, com certeza ainda hoje não existiria no Brasil tão humanitária instituição que, para conseguir esse fim, fez ella a doação de 25:000\$000 de sua pequena fortuna. Pelo amor à justiça, peço averiguar o facto e depois verá v. que foi grave a omissão e que não poderá deixar de ser conhecido na história desse asylo.

Agradecendo a consideração que tomar nessa notícia, sou de v. sincero admirador, —J.M. J

Outro argumento a favor da ideia de que Gabriella de Jesus Ferreira França não tinha preocupações financeiras é o fato de ela ter pouca participação na imprensa periódica, pois sabemos que os jornais davam uma melhor remuneração pelos escritos em comparação ao valor pago pelas editoras da época.¹⁸ Escritoras como Julia Lopes de Almeida e Maria Benedita Bormann, possivelmente, possuíam maior preocupação com a remuneração por meio da escrita, pois têm maior presença em periódicos da época do que França.

Os livros rendiam menos do que a publicação em periódicos, mas também traziam algum retorno financeiro para seus autores. Podemos pensar, por exemplo, na remuneração de escritores como Machado de Assis que, segundo Alexandra Santos Pinheiro, no seu capítulo de

livro intitulado “Entre contratos e recibos: o trabalho de um editor francês no comércio livreiro do Rio de Janeiro oitocentista,” “em 1881, ele recebeu 600\$000 mil reis pela venda de 470 exemplares de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e, em 1882, recebeu 950\$000 mil réis pela edição de *Papéis avulsos* com tiragem de 950 exemplares”.¹⁹

Como mostrado no trecho acima, em 1896, Gabriella de Jesus Ferreira França fez uma doação de 25:000\$000 réis para o asilo Bom Pastor. Sabendo que com 4.400\$000 era possível comprar uma chácara),²⁰ tem-se uma escala do que seria possível fazer com o dinheiro doado pela autora na época.

Livros que vendiam muito nesse período eram os romances sensacionais, que tinham o objetivo de atrair um público maior de leitores, indo além do público restrito ao pensamento erudito do texto literário consagrado. Dessa forma, utilizavam-se temáticas que tinham repercussão na época, como a chegada do bonde elétrico, os automóveis, incêndios causados pela energia elétrica nas cidades, o surgimento de ruas largas, casos de corrupção, em suma, temas polêmicos para os leitores de jornais.²¹

Já nas duas últimas décadas do século XIX, a pesquisadora Alessandra El Far, no seu livro *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro* (2004), destacou os romances *Elzira, a morta virgem* (1883), de

Pedro Vianna, *Maria, a desgraçada* (1898), de Alfredo Elisiário da Silva, e *Casamento e mortalha* (1898), de Júlio César Leal, que tiveram mais de uma edição e grande repercussão na época de publicação e nos anos posteriores, como mencionou a seguinte citação:

as histórias de Elzira, Maria e Celina obtiveram uma considerável repercussão em finais do século XIX e início do XX. Conseguiram atingir uma, duas ou até mais dezenas de milhares de exemplares vendidos, quantia bastante significativa numa época em que editores do porte de B. L. Garnier e dos irmãos Laemmert imprimiam em média mil volumes de um mesmo título, temendo o acúmulo de livros encalhados em suas estantes. As tiragens de quinta, sexta e oitava edições citadas por Pedro Quaresma de *Elzira, a morta virgem*, de *Maria, a desgraçada* e de *Casamento e mortalha*, respectivamente, ultrapassaram, sem dúvida, os números seguidos por Garnier e pelos Laemmert, indicando um consumo peculiar para a época. Ademais, para além das cifras, é preciso lembrar que essas obras, antes e depois de chegarem às mãos do editor carioca, já haviam passado por outras livrarias e tipografias, o que também assinalava uma grande aceitação no interior de públicos diferenciados, ao longo de vários de anos.²²

Então, caro leitor, se explorarmos esses romances como sucesso de vendas da época contemporânea ao livro *Ernestina* teríamos material

que serviria para comparação entre o romance de França e as prosas sensacionais. Os romances sensacionais capturaram a atenção dos leitores da época e romperam com o imaginário de que a leitura no período oitocentista estava subordinada a textos ditos eruditos. As pessoas eram motivadas a ler pelo entretenimento e pela emoção dessas narrativas, pois leitores não eram somente aqueles interessados em instrução. Portanto, ter esse aspecto em mente, pode revelar a diversidade de interesses e preferências dos leitores oitocentistas e dos escritores da época interessados em serem lidos.

A leitura de *Ernestina*

Ernestina foi publicado no formato de romance por uma tipografia salesiana. O segundo trabalho da escritora, *Contos brasileiros: livro de Antonico*, foi aprovado pelo Ministério do Império para ser adotado no ensino primário, o que destaca a presença das obras de Gabriella de Jesus Ferreira França no contexto educacional. Portanto, é possível que a obra tenha sido lida nas escolas brasileiras do século XIX.

A presença da prosa ficcional de Gabriella de Jesus Ferreira França no contexto escolar, pode nos levar a deduzir que a leitura de instrução era a forma pela qual a obra da escritora era,

principalmente, lida no contexto oitocentista. No entanto, essa forma de leitura de instrução estava relacionada a livros técnicos e ao universo masculino, enquanto a leitura por entretenimento estava mais associada ao universo feminino.²³ Vale ressaltar que as mulheres eram as principais leitoras de textos para crianças e nos contextos de socialização. Assim, as obras da escritora poderiam estar associadas a duas formas de leitura, dependendo do contexto, pois, embora supostamente não sejam livros técnicos, seus livros usualmente estavam voltados para a formação moral de crianças e mulheres, ao mesmo tempo que poderiam ser lidos para entretenimento. Essa tendência fica ainda mais evidente com a mudança de formato de *Ernestina*, passando do romance para o folhetim em 1898.

FOLHETIM
ERNESTINA
ou
Scenas da vida contemporânea
POR UMA PLUMINENSE
PRIMEIRA PARTE
CAPÍTULO I
O baile

Nunca o baile esteve tão animado e brilhante! Os vastos salões, ornados de flores e deslumbrantemente iluminados, a custo podiam conter a multidão de senhoras ricamente trajadas, de jovens desfilando-se qual sylphides envoltas em setins e flores, de distintos cavalheiros e de elegantes moçoilos, que todos à porfia corream após o divertimento e prazer. Ea orquestra sem cessar fazia ouvir quadrilhas, valsas e polkas, que se repetiam rapidamente e quasi sem interrupção. Era um ruído de passos, um susurro de vozes, um scintillar de luzes e de brilhantes... Era meio de tudo isto, Ernestina sobressalia. Sim, era sem contesção alguma a rainha do baile, a mais bella flor desse magnifico jardim.

Todos ao redor della, como que o reconheciam e lhe rendiam preito,

para ella as principaes honranças, os mais louzeiros cumprimentos. E era na realidade bella; o colorido vivo da mocidade brillava em suas faces, uma suave alegria lhe sorria nos labios e em seus olhos negros, sombreados por longos cilios, lia-se a mais amavel candura. Era formosa sem arte, pois sempre desdenhara os falsos arrebiques hoje infelizmente tanto em vozes, que adhecia a juventude e não conseguem encobrir o estrago dos annos. Tudo nella era natural e singelo. Nem uma só ja brilha em seu vestuario de alva esconhia, apenas adornada com alguns botões de rosa, um dos quaes com o que desabrochava entre as bastas franças de seus negros e seduzos cabellos. E todavia dir-se-hia que nenhuma a iguala! Era que em seu simples traçar respaldada a modestia e que a candida innocencia de sua alma derramava em toda a sua pessoa um encanto indefinivel e ao qual ninguém se podia subtrahir... Porque a modestia, a candura e a virtude são joias tão bellas, são flores tão fragrantas, que atraheem sobre aquelles que jamas as possuiram.

Todos a apreciavam.

Mas que digo? No meio do preito quasi universal, não lhe faltava, porém, quella a sorriso lançasse cilios e invoca.

Ernstina riu, que longe della não conciliava rival, e que tanto prezava a noiva Ernestina. Poron a moça nemta desconhecia a cunha da vaidade e toda se entregava à alegria do seu primeiro baile. Jul-

gando todos os corações pelo seu em tudo acreditava, em todos confava!... Mas eis que de novo se lhe approxima um cavalheiro.

—Querá elle ainda uma quadrilha? Estão todas prometidas... Não! O que pediu foi uma valsa, e essa de certo ha de alcançá-la, pois ella ainda não valsou.

O moçoilo mordou os labios, porém retrou-se sem nada dizer. Mas aos ouvidos de Ernestina, souo uma voz feminina, que em ar occulto e ceceador lhe murmurou ao ouvido, a palavra:—Affectada!

Leitores, não tendes visto em um aposento iluminado, apagar-se subitamente a luz, e tudo ficar sepultado em trevas? Assim aconteceu no espirito da noiva Ernestina!

Affectada! Ah! A moça olhou ao redor de si! Ella affectada! E porque somente porque recusou tomar parte em um passatempo que repugnava á sua delicadeza?

Como por encanto toda a sua alegria desvanceu-se a scena para ella mudou de aspecto, tudo lhe pareceu mentira, aborrecimento e tedio, e ao longe lhe vieram á mente as palavras que lhe dissera sua mãe, a respeito do vacuo e falsidade dos prazeres do mundo! O rosto da noiva custou-lhe a passar, anhejava voltar a casa.

Esse incidente não passou desapercibido.

Um cavalheiro que a presenciara e que contemplava com interesse a joven no momento em que recusara a valsa, dirigindo-se ao amigo com

quella conversava, lhe perguntou:—Conheces essa menina?
—Muito bem. Chama-se Ernestina, e é filha do commandador Anbyde. E na realidade mui formosa.
—Sim, e bem formosa, mas acho-a ainda mais interessante por um outro dote muito apreciado, mesmo porque se vai encontrar nesta época cada vez mais raro, continuou o primeiro interlocutor com ar pensativo.
—Querem ver que encontreste o teu ideal? lhe respondeu o outro sorrindo.

Mas a noite ja ja muito adiantada e pouco a pouco as salas se esvaziaram—Quer ir para casa, Timocot? perguntou a Ernestina um moçoilo que se lhe approximara. Meu-pae lhe manda perguntar.

—Vamos, respondeu a moça. Dahi a alguns momentos chegavam a casa.

CAPITULO II
A noite

Ernestina tendo-se retirado para o seu quarto deixou-se cair em uma cadeira de balanço.

—Enfim, minha-mãe, não se deitai perguntou-lhe a criada.

—Accede a lamparina e deixo-me, respondeu a moça.

A criada obedeceu e retirou-se.

Ernestina encostou o rosto na mão e permaneceu immovel.

—Soua longos cabellos... não vindo desprezidos em moldaravam-lhe o rosto e cahiam até ao chão.

(Continúa)

Trata-se do primeiro folhetim publicado em jornal de Ernestina ou cenas de vida contemporânea. Nele, consta o primeiro capítulo e o início do segundo capítulo do romance.²⁴

Com a imagem acima, ilustram-se alguns dos limites impostos pela publicação seriada à leitura. Um limite evidente foi a fragmentação dos capítulos, uma vez que o segundo capítulo encontrava-se incompleto nessa edição do jornal. Assim, o leitor teria que aguardar pelas próximas edições para compreender a história completa da obra. No caso de *Ernestina*, os limites foram ainda mais profundos, pois foge à prática comum de publicar um ou mais capítulos inteiros em cada edição. Isso interrompeu o ritmo de leitura, pois a continuidade dos eventos e o desenvolvimento da narrativa ficavam sujeitos às edições subseqüentes do periódico. Além disso, o leitor também se deparava com outros tipos de informações próprias do jornal, o que causava oscilações no fluxo de leitura entre ficção e não ficção.

Uma hipótese que tenho sobre essa mudança de suporte dos romances da escritora é que ela tinha a intenção de combater os romances sensacionais que surgiram no final do século XIX e tiveram grande sucesso nos periódicos nacionais. Esses romances exploravam assuntos polêmicos, de cunho revolucionário, como divórcio, independência financeira da mulher, homoafetividade e escravidão, como foi exposto anteriormente.

É importante lembrar que esse período foi marcado pela transição do Brasil Império

para a República Velha, assim como pela abolição da escravatura e pela libertação dos escravizados africanos, que constituíam a maioria da população nacional na época. Ou seja, foi um cenário em que as camadas mais conservadoras da sociedade reagiram a essas mudanças, tornando-se, na minha opinião, um cenário literário mais combativo e de disputas ideológicas do que é normalmente retratado nas histórias literárias.

Por fim, no período oitocentista, a leitura não era entendida como um simples ato cotidiano de pequena relevância social, como pode parecer aos leitores de hoje. Os escritores tinham consciência dessa dimensão social da leitura, tanto no sentido econômico — ter leitores significava ter demanda por publicação em periódicos e livros, o que, por sua vez, resultava em remuneração e reconhecimento — quanto propriamente literário, pois os romances, poesias e peças teatrais eram vistos como elementos capazes de contribuir para a concepção da nacionalidade brasileira.

Um pedido em notas

Durante a escrita desta introdução, busquei apresentar os caminhos que levaram à confecção desta edição. Para isso, expliquei a motivação para o desenvolvimento deste livro, expus alguns fragmentos do passado sobre a vida e

obra de Gabriella de Jesus Ferreira França, discuti o papel ativo dos anúncios na divulgação e na construção de um público-leitor, busquei desmitificar o imaginário de que a escrita no período oitocentista estava ligada apenas à genialidade do autor, mas que também havia uma preocupação econômica e com o estatuto da profissão. Em seguida, mostrei alguns romances que não constam nas histórias literárias tradicionais, mas que tiveram grande sucesso no período em que *Ernestina* circulou. E, para chegar a esse ponto, ou seja, à sua experiência de leitura, expliquei as formas pelas quais o romance pode ter sido lido no passado.

Em alguns momentos do texto, foram destacadas hipóteses que surgiram durante a pesquisa para realização desta edição. Esse é um diferencial na história da confecção deste livro, pois houve pesquisa, discussões, frustrações, limitações e, o mais importante, a vontade de fazer algo diferente, de abrir caminhos e mostrar o quanto nossa área é importante para o crescimento da humanidade, para a evolução da história das mentalidades e para a própria ressignificação da memória da sociedade brasileira. E, caso não tenha ficado claro para quem este livro é dedicado, digo que é para você, leitor, aluno ou professor de graduação, de pós-graduação, interessado no poder da linguagem, da leitura e, mais especificamente, do texto literário.

Portanto, entendo este trabalho como uma chave que abre diversas outras portas, instigando o interesse pela produção literária de Gabriella de Jesus França e por sua biografia (que permanece desconhecida, em grande medida), além de poder ser o ponto de partida para pesquisas voltadas à educação, já que ela esteve ligada à instrução brasileira no século XIX. Resta explicar algumas decisões editoriais.

Trata-se de uma edição anotada de um folhetim publicado quase diariamente entre 25 de julho de 1898 e 06 de setembro de 1898, totalizando 29 edições do jornal *Cidade do Salvador* (BA). Como não tivemos acesso a um exemplar da edição impressa do romance, não é possível verificar se alterações foram feitas na mudança de suporte, de livro para folhetim.

As alterações feitas estão relacionadas à padronização do uso de itálico para termos estrangeiros; aos usos de “H” e “Y” atualizados de acordo com o acordo ortográfico vigente, exceto no nome de personagens; trechos repetidos na íntegra foram excluídos; foi padronizado o uso de aspas em citações de língua estrangeira; o uso de letras maiúsculas foi adequado ao acordo ortográfico vigente, assim como a grafia de “S” e “Z”, das conjunções, do uso de “mal” ou “mau” e do emprego de diminutivos.

Escolhi manter os usos empregados no original da crase, dos “porquês”, da colocação

pronominal, vírgula, ponto-vírgula, travessão, reticências, interrogação, hífen e exclamação, pois são tópicos de amplo interesse da linguística textual contemporânea. Além disso, não foram corrigidas inadequações de concordância verbal e nominal, especialmente em verbos com sentido de existência, assim, este livro é também um registro de fenômenos linguísticos do período oitocentista, que podem ser objeto de estudo para linguística histórica.

Tome este livro como um convite, uma chave, um fragmento, uma vontade de que inspire futuras pesquisas. Talvez você tenha chegado até aqui esperando uma análise da narrativa ou uma interpretação da obra. Eu já tenho a minha. Qual é a sua?

Boa leitura!



Ernestina



Primeira Parte

Capítulo I — O baile

Nunca o baile esteve tão animado e brilhante! Os vastos salões, ornados de flores e deslumbrantemente iluminados, a custo podiam conter a multidão de senhoras ricamente trajadas, de jovens deslizando-se igual *shylphides*²⁵ envoltas em cetins e flores, de distintos cavalheiros e de elegantes mancebos, que todos à porfia corriam após o divertimento e prazer. E a orquestra sem cessar fazia ouvir quadrilhas, valsas e *polkas*,²⁶ que se repetiam rapidamente, quase sem interrupção. E era um ruído de passos, um sussurro de vozes, um cintilar de luzes e de brilhantes... E no meio de tudo isso, Ernestina sobressaía. Sim, era sem contestação alguma rainha do baile, a mais bela flor desse magnífico jardim.

Todos ao redor dela, como que a reconheciam lhe rendiam o preito; para ela, as principais homenagens, os mais lisonjeiros cumprimentos.

E era na realidade bela; o colorido viçoso da mocidade brilhava em suas faces, uma suave alegria lhe sorria nos lábios e em seus olhos negros sombreados por longos cílios, lia-se a mais amável candura. Era formosa sem arte, pois sempre desenhará os falsos arranques hoje infelizmente tanto em voga, que a afeiam a juventude e não conseguem encobrir o estrago dos anos. Tudo nela era natural e singelo. Nem uma só joia brilhava em seu vestuário de alva escumilha, apenas adornada com botões de rosa, um dos quais como que desabrochava entre as bastas tranças de seus negros e sedosos cabelos. E todavia dir-se-ia que nenhuma igualara! Era que em seu simples trajar resplandecia a modéstia e que a cândida inocência de sua alma derramava em toda a sua pessoa um encanto indefinível e ao qual ninguém se podia subtrair... porque a modéstia, a candura e a virtude são joias tão belas, são flores tão fragrantas que atraem até aqueles que jamais a possuíram.

Todos a apreciavam.

Mas que digo? No preito quase universal, não lhe faltava, porém, quem à sorrelfa lançasse olhares de inveja.

Eram essas, que longe dela não conheciam rival, e que tanto preço dava a nossa Ernestina.

Porém, a meiga menina desconhecia o ciúme da vaidade e toda se entregava à alegria de seu primeiro baile. Julgando todos os corações pelo seu, em tudo acreditava, em todos confiava!... Mas eis que de novo se lhe aproxima um cavalheiro.

Quererá ele ainda uma quadrilha? Estão todas prometidas... Não! O que pediu foi uma valsa, e essa de certo, há de alcançá-la, pois ela ainda não valsou.

O mancebo mordeu os lábios, porém, retirou-se sem nada dizer. Mas, aos ouvidos de Ernestina, soou uma voz feminina, que em escarnekedor lhe murmurou ao ouvido a palavra: – Afetada!

Leitores, não tendes visto em um aposento iluminado, apagar-se subitamente a luz, e tudo ficar sepultado em trevas? Assim aconteceu no espírito da nossa Ernestina!

Afetada? Ah! A moça olhou ao redor de si! Ela afetada? E por quê? Somente porque recusou tomar parte em um passatempo que repugnava à sua delicadeza?

Como por encanto toda sua alegria desvaneceu-se; a cena para ela mudou de aspecto: tudo lhe pareceu mentira, aborrecimento e tédio, e ao longe lhe vieram à mente as palavras que lhe dissera sua mãe, a respeito do vácuo e falsidade dos prazeres do mundo! O resto da noite custou-lhe a passar, anelava voltar a casa.

Esse incidente não passou despercebido.

Um cavalheiro que a presenciara e que contemplava com interesse a jovem no momento em que recusara a valsa, dirigindo-se ao amigo com quem conversava, lhe perguntou:

— Conheces essa menina?

— Muito bem; chama-se Ernestina, e é filha do comendador Athayde. É na realidade muito formosa.

— Sim, e bem formosa, mas acho-a ainda mais interessante por um outro dote muito apreciável, mesmo porque se vai tornando nesta época cada vez mais raro — continuou o primeiro interlocutor com ar pensativo.

— Querem ver que encontres o teu ideal? — lhe respondeu o outro sorrindo.

Mas a noite ia já muito adiantada e pouco a pouco as salas se esvaziaram.

— Quer ir para casa, Tinoca? — perguntou à Ernestina um mancebo que se lhe aproximara. — Meu pai lhe manda perguntar.

— Vamos — respondeu a moça.

Daí a alguns momentos chegavam à casa.

Capítulo II — A noite

Ernestina tendo-se retirado para o seu quarto deixou-se cair em uma cadeira de balanço.

— Então, sinhazinha, não se deita? — perguntou-lhe a criada.

— Acende a lamparina e deixa-me — respondeu a moça.

A criada obedeceu e retirou-se. Ernestina encostou o rosto na mão e permaneceu imóvel.

Seus longos cabelos pretos haviam desprendido e emolduravam-lhe o rosto e caíam até o chão.

A jovem permanecia embevecida em profundo meditar! Em que pensava! Ela mesma o não sabia! Sentia o coração oprimido sem saber porque, e suspiros involuntários lhe escapavam do peito. A seus ouvidos como que soava ainda o ruído da orquestra, o rumor dos passos e o mur-

múrio das conversações; parecia-lhe ainda ouvir as palavras lisonjeiras que lhe haviam dirigido e, de envolta com elas, como que escutava uma voz escarnekedora que sem cessar repetia: — Afetada, afetada!

Debalde procurava tornar-se surda a essas vozes, afastar essas representações, seus olhos pareciam ainda mirar a já passada a cena. Sentia-se fadigada, quisera deitar-se e dormir. Não se animava, porém, a erguer-se da cadeira.

E quantas recordações lhe passaram pela mente abrasada!

Lembrava-se da terna mãe que perdera e que tanto havia amado.

Pobre menina! Seu coração tenro e amante, quanta carência²⁷ desse carinho de mãe, que assaz experimentara para lhe avaliar a falta... E de súbito, como que lhe sorria uma esperança; sonhava uma ventura plácida... e de repente recordava-se dessa noite que principiara com tanta alegria; e suspirava!

O frouxo clarão da lamparina, difundindo-se por sobre os vários objetos que ornavam o quarto como que lhes prestava formas estranhas, que aos olhos da moça se revestiam de aspecto medonho! Por fim, cansada, exaltada, nervosa, ergueu-se de um salto e, dirigindo-se à janela, abriu-a de par em par.

Uma brisa pura, fresca e carregada de aromas penetrou no aposento!

Ernestina respirou-a longamente encostada à janela, passou os olhos pela encantadora cena!

Ainda não era dia, entretanto, já não era noite. A natureza meio adormecida, como que se espreguiçava querendo despertar. A lua em todo o seu esplendor aparecia ainda no horizonte, confundindo seus raios prateados com os rosados arrebóis da madrugada que vinha despontando. Nenhum, só ruído interrompia o silêncio, a não ser ao longe, o borbulhar de um regato que saltava por entre as pedras. A mente da jovem se acalmava pouco a pouco.

De repente um som suave e argentino se fez ouvir. Era o sino da capela do asilo de Nossa Senhora do Patrocínio, vasto edifício que se erguia não muito distante, que tocava matinas.

“Quanto é amável, permiti leitores que vos repita com um piedoso escritor, o sino das matinas; essa voz da manhã, que desperta os campos ao despontar do dia, confundindo-se com o cantar das avezinhas que bendizem o Criador, no momento em que as flores fazem subir ao céu os seus primeiros perfumes! A igreja da Terra une-se então a do Céu e rediz o cântico sagrado da encarnação, ao qual se juntam em todos os países do mundo, milhões de vozes, unidos pela mesma fé e animados da mesma devoção para com essa excelsa Rainha, que é a Mãe de Deus e nossa Mãe”.

Ernestina ajoelhou; suas mãos cruzaram-se piedosas e ela murmurou baixinho a saudação do anjo. O sino cessara o melodioso tinir; a moça também findara a sua oração e retirando-se fechou a janela, meteu-se no leito e placidamente adormeceu, como a criança embalada no regaço maternal.

Capítulo III — Frederico

— Então, Ernestina, você pretende dormir 24 horas seguidas?

Tais foram as palavras que despertaram a moça, cerca de meio-dia.

Tinham sido pronunciadas por Frederico, seu irmão, o qual, cansado de esperar que ela acordasse fora lhe bater a porta do quarto.

Ernestina levantou-se apressadamente, admirada de ter dormido tanto tempo, e alguns minutos depois, (por que não era dessas que desperdiçam horas inteiras diante do tocador) achava-se na sala junto ao seu irmão.

— Com efeito, Tinoca — lhe disse ele — estava com receio que você tivesse morrido, palavra de honra! Papai já foi a século para o es-

critório... Mas a propósito; sabes, irmãzinha, que fostes, a rainha do baile? Bonita estreia! Eu estava à parte, tomando nota de tudo, e ria-me a perder vendo as caretas de inveja que as suas amigas faziam por baixo do leque! Julguei que Miguelina Gaspar ia ter um desmaio quando você apareceu no salão! Eu como estudante do quinto ano de medicina, *ne vous en déplaie*²⁸ já me estava aprontando para lhe ministrar os socorros médicos, atirando o copo d'água no rosto; isto é, água só e não o copo, pois há nada tão bom para os desmaios das moças; dão logo um pulinho e ficam boas. E a Candinha Rodrigues? Essa ficou encarnada como... Se estivesse na Europa eu diria cereja, mas aqui não sei como a compare. Que diz você, Tinoca? Mas brincadeira à parte; dou-lhe os parabéns, Sra. D. Ernestina; todos à porfia te proclamavam a mais bela... mas você que tem Ernestina? Creio que você ainda está dormindo — continuou Frederico olhando para a irmã. — E de fato a moça estava completamente distraída e parecia absorta em um pensamento fixo. É que se recordava de uns versos que ainda sua mãe lhe ensinara outrora:

*“O'pauvre enfant, crois moi, l'on n'est pas hereux. Lorequ'on foule a ses pieds, maSrbres, tais soyeux. Quand on a diamants, bijoux d'or, cachemires Esprit, gracê, fraichêur, affections, sourires. Sympathiques regards, autant qu'on en vondra, Et qu'au fondde son coeur on sent...”*²⁹

E em sua mente, ela terminava este verso do modo seguinte: quando se sente no coração o vácuo e desilusão. E a menina pensava: — Não. Não quero outra vez respirar essa atmosfera falsa; não, não é ali que encontrarei o prazer puro, a ventura que o meu coração anela.

Frederico veio de novo arrancá-la de seus pensamentos.

— Tinoca, — lhe disse — estava ansioso para que você acordasse; tenho um favor que lhe pedir, irmãzinha: quero que peça a papai para ir hoje ao Lírico. Olhe, é a Aida,³⁰ cujas belas cava-tinas você canta tão bem. Você sabe, Ernestina? É a última representação, a recita da despedida da companhia. Vem, Tinocasinha, tenho grande empenho em que você assista a essa representação; eu cá sei porque.

— E eu parece-me que também sei porquê — respondeu Ernestina sorrindo.

— E por que será, irmã caríssima, *sorellina mia* cara,³¹ senão para que você aprecie ainda uma vez a sublime cantoria?

E com gosto teatral começou a cantar:

“Il tao bel cielo vorrei ridarti

*Le dolci breeze del patrio suol...!”*³²

— Você resiste, Ernestina?

— Resisto sim — respondeu Ernestina com ar alegre e bondosa malícia. — Senhor, meu irmão que deseja ir ao teatro lírico, parece-me que não está hoje com a carteira muito cheia e

como sabe que o papai sempre lhe diz “Estuda, rapaz, olha que os exames, estão à porta, não percas a noite no teatro”, então quer que eu peça para ir, a fim de que ele possa acompanhá-la sem maior sermão.

— Você é uma flor de louça, a pérola das irmãs, a mais preciosa irmãzinha que se pode encontrar, então vamos, não é?

— Não vou, mas encarrego-me de pedir a papai, visto ser a última representação, visto a despedida da companhia e visto meu bom irmão gostar tanto de música, que o deixe ir.

— E papai, que nada lhe nega, Tinoca, deixará.

— De certo, e você pode ir-se regalar de ver a pobre Aida — replicou Frederico — e continuou cantando:

“Morrir si pura e bella...”

— Mas deveras, esse final é triste, prefiro a cavatina que você canta:

*“O cicli azzuri... o dolci aure native,
Doce sereno il mio mattin brillo!”³³*

— É melhor preferir toda a peça, Frederico, mas o que será melhor que tudo por enquanto, é deixar-me sossegada, porque estou ainda cansada de ontem; e de mais ainda hoje não dei os olhos para casa e papai não tarda a chegar; quero ver se tudo está em ordem.

— Então não se esqueça, e já que a mais excelente das irmãs quer se ver livre de mim,

raspo-me e deixo-a entregue com todo o sossego ao mais prosaico dos empregos, isto é: ver se a sopa está bem temperada e se *beefsteak*³⁴ é de *filet* verdadeiro.

— Prosaico emprego que lhe é de bastante utilidade, senhor meu irmão.

— Sem dúvida alguma... *nemine contradicente*,³⁵ — respondeu Frederico, saindo da sala, porém repetindo ainda uma vez: — ão esqueça, Tinoca, ouviu?

Capítulo IV — O doutor Adalberto de Aguiar

Numerosos grupos enchiam em diferentes lugares a rua do Ouvidor; a sessão da Câmara dos Deputados tinha sido tempestuosa; veemente discussão havia tido lugar e o ministério apenas vencera por um único voto.

Falava-se em crise e os ânimos achavam-se sobre modo exaltados. No meio das conversas, ouvia-se repetir com frequência, o nome do doutor Adalberto de Aguiar. Esse cavalheiro; formado em medicina pela faculdade da corte, mas filho do norte e representando na Câmara dos Deputados a sua província natal, era dotado de grande inteligência e talento oratório. Era um dos membros mais conspícuos da oposição, e fora a sua lógica oratória, que por pouco não arrebatara a vitória ao governo.

Mas ei-lo que aparece; numerosos amigos se aproximam, e tanto os de seu partido com os adversários à porfia o felicitam pelo seu eloquente discurso.

Todavia o distinto orador parecia indiferente e como que preocupado, e havendo se desembaraçado dos que o cercavam, dirigira-se tomando o braço de um dos colegas, o Dr. Claudinor seu íntimo amigo, para o bonde que os devia conduzir a casa que ambos habitavam.

Era preciso, porém, esperar, e tendo entrado em um botequim mais retirado, os dois amigos acendendo seus charutos esperavam silenciosos.

O Dr. Claudinor, porém, em breve interrompeu esse silêncio dirigindo-se ao amigo:

— Estás pensativo — lhe disse — e estranhando-te; talvez que ainda nesta ocasião não triunfasse a oposição? Creio, todavia, que a atualidade não pode durar; mais dois discursos como de hoje e o ministério cai por terra.

— *Haug politics*³⁶ — respondeu o Dr. Adalberto rindo-se — caia ou não, pouco me importa; mas, a propósito, disseste-me ontem no baile, que conhecias o comendador Athayde; poderás apresentar-me em sua casa?

— Ah! É isso que te ocupa? Nada mais difícil! Então dura ainda a impressão de ontem à noite? De fato com trinta anos, essa posição, essa fortuna; é tempo de fazeres a tua escolha.

— Não quero negar-te que na realidade não posso esquecer o ar modesto e digno dessa menina. Sempre desejei-a para minha mulher, uma, cujo coração fosse puro, cuja alma conservasse ainda intacto esse orvalho de modéstia e de candura, que de certo não pode subsistir nessas, que frequentam atmosfera crestada das sociedades modernas.

— Com efeito, os costumes estão muito mudados. Recordo-me de ver outrora em nossas reuniões de família, minhas irmãs dançarem, nada havia de inconveniências nessas simples e graciosas quadrilhas; mas agora... Realmente é preciso confessar a dança moderna nada tem, nem de graciosa, nem de delicada.

— De certo; eu nunca consentiria que minha mulher ou filha tomasse parte nesses grosseiros galopes nos quais são atirados como um fardo de uns a outros, é se me casar com Ernestina...

— Se te casares com Ernestina? Pois já estás assim adiantado? Bem dizia eu ontem que já tinha encontrado o teu ideal! Mas não sabes ainda se ela terá encontrado o seu?

— Veremos; espero que não.

Na época atual não se deve deixar passar ocasiões como esta de ter por companheira de nossa vida, uma mulher virtuosa e cristã; pois todos a porfia louvam as eminentes virtudes de Ernestina.

E na realidade, ela é não só uma jovem de excelentes qualidades, como também assaz instruída, pois o comendador esmerou-se em sua educação.

— O que mais me agrada, é que, pelo que dizem, é muito caseira, amiga do trabalho do lar doméstico; uma moça enfim que está habituada a achar gosto e alegria na vida doméstica e nos prazeres a ela anexos.

— Tens razão, e essas qualidades é que devemos apreciar em nossas esposas. Hoje porém tudo está mudado.

— É verdade; logo que me formei, quando ia ver algum doente, encontrava a família toda reunida, via as moças umas costurando, outras ocupadas em trabalhos domésticos; agora pelo contrário, acho só as pobres mães em casa, todas as atarefadas; se pergunta por D. Fulana está no Liceu, por D. Sicrana, foi para Escola Normal; enfim, só temos doutoras e professoras e não mães de família; e é por isso que agora os homens só procuram moças ricas, porque ao menos resta-lhes o dinheiro.

— E quando chega um homem a casa, cansado e anelando jantar sossegadamente em companhia de sua esposa, não a encontra.

— Onde está a Deodora?

— Saiu

— Para onde foi?

— Ela disse que dissesse ao senhor que ia assistir a conferência do Sr. F.

— Vê-la! Que decepção! Mas vamos ao que importa; podes ou não apresentar-me ao comendador?

— Quando quiseres... Mas olha, aí vem justamente o filho; vou apresentar-te a ele; é um pouco estourado, mas bom rapaz.

— Como vai, Frederico? — continuou dirigindo-se ao mancebo que entrava. — Quero apresentá-lo ao meu amigo Dr. Adalberto de Aguiar.

— O Sr. Dr. Adalberto de Aguiar? Tenho muita honra em conhecer o distinto orador, cujo discurso de hoje causou tão profunda sensação; de fato não se fala em outra coisa.

— Não falemos nisso; estamos entre amigos, e espero que o Sr...?

— Frederico de Athayde.

— Que o Sr. Frederico de Athayde me quererá desde hoje contar em o numero dos seus mais dedicados. E dizendo isto, o Sr. Adalberto apertava cordialmente a mão de Frederico.

O mancebo cortejou retribuindo o aperto de mão; algum tanto admirado e bastante lisonjeado, te ver a distinção com que era tratado pelo exímio parlamentar.

A conversa continuou por alguns momentos com íntima cordialidade, separando-se depois os amigos com promessas de recíprocas visitas.

Capítulo V — Asilo de Nossa Senhora do Patrocínio

Aqueles dos meus leitores que tiverem lido *Maria do Patrocínio*, hão de por certo recordar-se da filha primogênita dos Condes De Vila Rica, Dona Maria do Patrocínio de Mendonça.

Essa jovem, dotada do mais ardente amor de Deus e do próximo, e ornada de exímias virtudes, havia-se dedicado, com o consentimento de seus extremosos pais, a uma vida toda de abnegação e caridade.

Reunindo-se a algumas companheiras animadas dos mesmos sentimentos e que a haviam escolhido para sua superiora e guia em sua vida de dedicação, habitava em vasto difícil que os condes haviam edificado em um extenso terreno que possuíam, e que confinava com a

chácara do comendador Athayde. Compunha-se este edifício de três compartimentos diferentes, reunidos entre si por uma grande capela sobre a invocação de Nossa Senhora do Patrocínio.

Esses compartimentos, que formavam cada um deles, um edifício inteiramente separado, mas só unido, como já disse, pela capela, eram destinados: um para asilo de crianças, órfãos e desvalidas, outro para colégio de meninos ricos e de posição, e o último para asilo de velhos desamparados. Pois a santa donzela em seu extremado anelo de fazer o bem, havia considerado que se as criancinhas desvalidas e sem amparo são dignas de todo o socorro, também proporcionar às ricas uma educação adequada à posição que deve ocupar na sociedade, e que as habilite a corresponder à missão que Deus confiou aos ricos e poderosos, é obra santa e meritória.

Cultivando portanto com esmero o espírito da juvenzinhas, filhas das principais famílias, não só da corte, como de várias províncias, que os pais à porfia lhe confiavam, esforçava-se também a fazer nascer em seus corações os sentimentos que as tornariam algum dia, verdadeiras mulheres católicas, ao mesmo tempo que senhoras distintas.

Ele lhes fazia ver as riquezas, não como cadeias que acorrentam a si os corações, mas sim como meio subordinados a uma vontade reta-

mente dirigida, e que deles usa para derramar ao redor de si, a magnificência de socorro da esmola e dos benefícios!

Sua entranhável caridade estendia também os braços àqueles pobrezinhos que em sua decrepitude, tem por dor ainda maior do que a sua penúria e triste abandono, o não terem um único ente que as una, ou a quem amem!

Maria do Patrocínio recolhendo-as, a cada uma delas oferecia seu coração transbordando em amor, e as pobrezinhas em o último quartel de sua vida, quase que se iludiam julgando que haviam na realidade encontrado uma verdadeira filha.

Tal era o asilo ou asilos a que presidiam Maria do Patrocínio e suas irmãs de santa dedicação. Entre elas, amável leitora, peço-vos que noteis, uma jovem de olhar celeste, de fisionomia tão meiga e suave, que talvez a tomeis por algum desses anjos que Deus destinou para nossa guarda.

Acaba de receber uma carta que lhe enviara a superiora do edifício das pensionistas onde ela tem o seu encargo. A irmã Luiza, tal é seu nome, que se achava então no jardim, a recebeu sorrindo, pois reconhecera a letra de Ernestina, sua companheira de colégio e mais cara amiga, e sentando-se em um banco rústico, à sombra de um caramanchão de jasmims e madressilvas, a leu pressurosamente. Creio que não haverá in-

conveniente em que também nós tomemos conhecimento do seu conteúdo.

Capítulo VI — Carta de Ernestina

Querida Luizinha, minha amiga e irmã pelo coração.

Um acontecimento imprevisto acaba de ter lugar.

Parece que em minha vida vai haver uma mudança.

Qual será? Que devo eu fazer? Ah! Minha mãe, se estivesse comigo! Mas ela em sua última despedida ao dar-me sua derradeira benção muitas vezes repetiu: — Ernestina, a santa Virgem será ela mãe; quando precisares de conselhos, invoca essa Mãe do Divino amor, essa Mãe do Bom-Conselho! — E eu assim farei, minha Luizinha. Mas quero tudo te contar. Parece-me um sonho! Como depressa se muda a nossa sorte!

Tenho saudades de minha vida sem cuidados; de meus passarinhos, cujos suaves gorjeios tanto me alegravam; tenho saudades de minhas florzinhas, que eu mesmo semeiei, que vi brotar e cujo crescimento todos os dias espreitava; tenho saudades de nossos passeios descuidosos daqui para lá e de lá para cá, na hora da recreação das meninas, quando de mistura com elas, sentávamos juntas alegremente, ou colhíamos as flores do campo com que tantas vezes, tecendo coroas nos engrinaldávamos sorrindo: tenho saudades até mesmo dos peixinhos dourados dos tanques, aos quais distribuíamos as migalhas, sorrindo ao vê-las nadando após elas, debatendo-se e mergulhando.

Tudo, enfim, me faz saudades, até mesmo as borboletinhas que esvoaçavam e o beija-flor que chupava o mel de minhas madressilvas.

Mas não te disse ainda, Luizinha, o motivo dessas saudades, imagina quem foi.

O deputado de quem tanto se fala, a cujo talento e ilustração se fazem tantos elogios; o Dr. Adalberto de Aguiar! Haverá uns dez dias, estando eu com papai no jardim, vimos entrar o Dr. Claudinor acompanhado de outro cavalheiro. Encaminharam-se para nós, e o Dr. Claudinor apresentou seu companheiro que era ele. Depois disso o Dr. Adalberto tornou a vir cá uma duas ou três vezes, e eis que ontem papai me chamando abraçou-me com muita afeição e depois de alguns preâmbulos, me disse:

— Minha filha, desejaria que nunca te apartasses de mim, porém estou velho, convém ver-te arranjada antes que eu morra. O Dr. Adalberto de Aguiar pediu-me tua mão. É um moço distinto e de bons sentimentos, está em boa posição; parece-me um partido vantajoso.

Eu fiquei admirada, e nem posso compreender como é que esse conselheiro que frequenta tanto a sociedade, escolhesse a mim! Vendo a minha hesitação, papai me disse com bondade: — Reflete, minha Ernestina, pensa e vê o que decides; não te apresses e fica certa que não contrariarei a tua vontade. — Saí de junto de papai muito perplexa, e vim escrever-te. Vem Luizinha, conversaremos e rezaremos juntas para que Deus e a Virgem Santíssima me queiram inspirar. Frederico não cessa de instar para que eu aceite!... Meu Deus, que sorte será a minha?

Estou a tua espera. Tua amiga ~ Ernestina.

Capítulo VII — Pippo

Luizinha terminando a leitura da carta, ficou pensativa; também ela tinha saudade! Até então, Ernestina e ela haviam sido como duas irmãs, sempre unidas pela mais sincera amizade, e partilhando cada uma em seu estado, — o mesmo pensamento, as mesmas ideias. E agora? Mas, pensava Luizinha, Deus é quem escolhe o caminho pelo qual devemos seguir; a estrada pela qual devemos procurar atingir ao Paraíso, nossa morada eterna.

Uma voz de menina arrancou Luizinha de suas reflexões; o menino cantava lá na estrada e ia-se aproximando ao portão do estabelecimento. Ao avistá-lo, a jovem religiosa encaminhou-se para ele.

— És tu, Pippo? — lhe perguntou. — Pobre Pippo! Não podes hoje ver Nina; está muito ocupada, pois amanhã há exames. Porém podes ficar sossegado, ela está de boa e vai indo muito bem.

— Graças à caridade de tantas almas boas — respondeu Pippo.

— Espere Pippo — continuou a moça — vou pedir licença à superiora para ir à casa de D. Ernestina que me deseja falar. Tu me levarás uma encomenda que tenho para ela.

— Com muito gosto, minha senhora.

Enquanto Luizinha vai tomar as ordens da superiora, lancemos um olhar para o menino de quem falamos.

Não parecia ter mais de onze anos e era de compleição débil e delicada; porém suas feições extremamente simpáticas demonstravam força de vontade, e em seus olhos pretos e expressivos via-se o fulgor da inteligência e do talento. Pobrezinho em seu trajar, vestido todavia com asseio e a rabeça da qual sabia tirar sons inspirados, era de um dos melhores fabricantes.

É que seu nascente talento havia despertado o interesse da irmã Maria do Patrocínio, que encontrara em uma de suas visitas de caridade, o pobre órfão que acabava de perder o pai e a mãe quase ao mesmo tempo, e que lutava corajosamente contra o infortúnio e a miséria para sustentar Nina, sua irmãzinha, de cerca de quatro anos, e sua avó, doente e de avançada idade.

Maria do Patrocínio recolheu a menina, e discretamente, pois Pippo cheio de nobre e delicado melindre queria trabalhar e não mendigar, proporcionou, ajudada por Ernestina, os necessários socorros a essa pobre família. Demais, reconhecendo ambas que o menino era dotado de vasta inteligência e de não comum talento musical, arranjaram tudo de maneira que ele, sem deixar de trabalhar para se sustentar a si e sua avó, tivesse entretanto oportunidade para cultivar sua inteligência.

Voltemos porém a Luizinha, que tendo obtido de sua superiora a devida licença, acabava de entrar no jardim de Ernestina, onde esperava encontrá-la, mas onde, pelo contrário, se achavam com ela várias moças que a tinham vindo visitar.

— Oh! A aí vem a irmã Luizinha — exclamaram algumas vendo-a entrar e correndo ao seu encontro.

— Bem-vinda seja — disse Ernestina abraçando a amiga.

— Pensei que você estaria só — disse Luizinha.

— Então se aborrece de nos ver? — perguntaram as jovens.

Luizinha ia responder, quando se ouviu de longe uns sons melódiosos e uma voz de criança, mas harmoniosa e justa que cantava. Era Pippo, que julgando também encontrar somente Ernestina com Luizinha, anunciava-se com sua cantiga usual:

“Ó senhora
Benfeitora
Dai-me a ganhar
O meu pão.
O meu pão.
Tiro-liro-lão
E um vintém
Tiro-liro-lem .”

— E, Pippo — exclamaram Ernestina e Luizinha — Pippo, Pippo. A voz continuou;

“Sou menino
Pequenino,
Mas com grande
Coração.
Ganho o pão
Tiro-liro-lão.
E um vintém
Tiro-liro-lem.”

E Pippo entrou no jardim. A vista porém, de tanta gente, recuou um pouco meio envergonhado.

— Entra Pippo — lhe disse Ernestina com bondade.

No mesmo instante todas as moças o rodearam, aumentando ainda o embaraço do menino.

— É um trovadorsinho bem interessante — disse Julieta — uma das amigas de Ernestina.

— Chama a isto trovador? — Replicou a ativa Demétria apontando com o dedo carregado de anéis para o pobre rapazinho.

— E por que não? — respondeu Ernestina.

— Não posso atinar como é que você gosta tanto destes vagabundinhos — disse Demétria. — Olá — continuou dirigindo-se a Pippo — improvisado trovador, conta-nos o melhor do teu repertório de estrada: vamos lá — e cantarolou com voz assaz desafinada: “Viva Maria Pia/ E o Rei de Portugal”. Ou antes, prosseguiu, livra-nos de tuas canções e presença, dou-te o pagamento adiantado. Sempre tenho medo quando vejo estes vagabundinhos, que me roubam alguma coisa.

E dizendo isto atirou-lhe um níquel de 200 réis. Pippo ouvindo as palavras de Demétria, corrou profundamente, seus olhos encheram-se de lágrimas e arredando-se para trás, o níquel caiu ao chão.

— E ainda em cima é soberbo — disse Demétria — rindo-se com ar de escárnio.

— Oh! Demétria — disse Ernestina — você não é justa para com o pobre Pippo. Ele não é vagabundo e nem gatuno. É um menino honrado e trabalhador. Se à tarde vai com sua rabeca tocar para ganhar mais alguns vinténs para sua avozinha, até as 4 horas trabalha em uma oficina, e ainda de noite estuda. E não pense que ele

é ignorante. Creia Demétria, Pippo é digno de todo o interesse, nós todos o estimamos muito e respondemos por ele, em tudo e por tudo.

A resposta de Pippo foi um olhar que lançou a Ernestina. Nesse olhar lia-se uma gratidão íntima e profunda, e uma dedicação a toda a prova.

— E para que possam ajuizar de seu talento, quero ouviste Pippo! Quero e é minha vontade que cantes aquela canção que tu mesmo compuseste e de que eu e Luizinha tanto gostamos.

Pippo corou ainda mais, porém sem replicar afinou seu instrumento e com voz suavíssima começou.

Capítulo VIII — A canção de Pippo

“Eu vi um anjo formoso
Belo como a luz d’aurora.
Quando suave colora
De purpúrea luz e céu.

Suas asas deslumbravam
Como a neve alvas e puras,
Seu olhar de mil venturas
Divinais o peito enchia

A minh’alma ao contemplá-lo
Em êxtase arrebatada,
Me parecia enlevada,
Té junto ao trono de Deus.

— Quem és tu, lhe perguntei.

Anjo de puro fulgor?

— Eu sou o santo Candor

Das donzelas tuteler

Aquela que em si me encerra

Com desvelado recato,

É na terra o meu retrato,

É no céu, anjo também!”

Ainda as últimas notas soavam harmoniosas, quando um bravo entusiástico se fez ouvir, e um cavalheiro, precipitando-se no jardim, abraçou calorosamente o pequeno artista.

Era o Dr. Adalberto.

— Encarrego-me de tua educação musical — exclamou — vou mandar-te para Europa: quero que seja aproveitado o teu belo talento.

Pippo parecia radiante; porém de repente, acudia-lhe a mente uma lembrança.

— E minha avó? — disse.

— Terá um lugar no asilo — respondeu Luizinha.

Pippo exultava estudar música à fundo, tornar-se talvez um maestro célebre... mas por entre a risonha perspectiva que se lhe antolhava pareceu-lhe ver um rosto triste e macilento por cujas faces encoradas rolavam lágrimas de saudades...

— Por enquanto não posso aceitar — disse com um suspiro.

— Compreendendo-te — replicou o Dr. Adalberto — não há bem-estar que substitua para uma pobre velha, o amor e carinhos de um filho?

Durante esse diálogo, Ernestina dizia baixinho a Luizinha.

— É este; que lhe parece, Luizinha?

— Um nobre coração — respondeu ela...

Nessa mesma noite, ao retirar-se para casa, o Dr. Adalberto exultava... Ernestina tinha pronunciado o sim que lhe augurava longos dias de ventura.

Capítulo IX — Ainda Frederico

— Você não me deixará ler com sossego, Frederico?

— Mas então Tinoca você não quer que eu também me instrua a respeito dos deveres do matrimônio? Você sabe se eu estarei ou não para tomar estado?

Este diálogo tinha lugar entre Ernestina e Frederico, cerca de uns oito dias depois da cena do jardim. Ernestina estava lendo com atenção, um livro que tirara de sua biblioteca, quando Frederico entrando subitamente lh'o arrebatara. Vejamos o que mais dizem.

— Você? — replicou Ernestina rindo-se.

— E porque não, D. Tinoca?

E continuou a ler em voz alta:

“O matrimônio é um sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, que dá aos que o recebem dignamente a graça de se santificar em seu estado e educar cristãmente os seus filhos.”

— Veja lá Ernestina, e você que não queria que eu lesse! Eu que pensava que para casar bastava pedir a moça, fazer um enxoval, mobiliar a casa; vamos ver o que mais:

“O Matrimônio produz três efeitos, ou como dizem os padres da igreja, três bens principais; a graça da fidelidade, a graça da boa educação dos filhos, a graça da indissolubilidade...

Obriga o marido a tratar sua mulher com suavidade e de uma maneira honrosa, recordando-lhe como Adão tinha Eva por sua companheira; — a ocupar-se honestamente segundo sua condição, seja a fim de evitar a ociosidade da mãe e de todos os vícios e origem da maior parte das dissensões domésticas, seja a fim de prover ao sustento e a manutenção de sua mulher e filhos. Também obriga a regular cristãmente a sua família, a corrigir e formar os costumes das pessoas que a compõem, a fim de conter cada um em seu dever, do que resulta a paz e felicidade da sociedade doméstica e de é o chefe”

— Ainda bem Ernestina — continuou — agora já posso fazer a minha escolha.

— Mas Frederico — replicou Ernestina rindo-se — quem é que quer casar com um estouvado como você?

— Com um estouvado como eu? — respondeu Frederico — ora com efeito! Um estouvado como eu! Todas, está ouvindo Tinoca, todas as que eu pedir.

— Duvido muito.

— Pois bem, Tinoca, vamos fazer uma aposta: uma caixa de charutos se eu ganhar, e o mais belo ramalhete de violetas que eu achar na rua do Ouvidor, pois agora é tempo delas, se for você.

— Mas como havemos de saber?

— É muito fácil; hoje a maior parte de suas amigas vem cá; pois bem, peço a cada uma delas licença para pedi-la em casamento a seus pais. Você verá que todas consentem.

— Você há de fazer semelhante asneira, Frederico! Não quero apostar nada.

— Ah! você tem medo que eu ganhe... Mas vamos agora ver os deveres das esposas também, Ernestina.

— Não é preciso muito, obrigada, eu mesma posso ler.

— Nada, tenha paciência *petite soeur*³⁷, há de escutar tudo.

Ernestina encostou-se com ar resignado na cadeira de balanço em que estava sentada, e Frederico folheando o livro, leu:

“À mulher é ordenada a obediência e brandura que cativam o coração de seu esposo; o pudor que a torna respeitável e a modéstia. Deve

ter todo o cuidado a não amar e nem estimar a ninguém tanto, abaixo de Deus, como a seu marido; isto é, quaisquer que sejam suas qualidades visto que não é pelas virtudes ou vícios de nossos superiores que deve regular-se nossa afeição e respeito...

(Ah Ernestina, antes que cases vê o que fazes, porque depois de casar é mister aguentar.)

...mas pelo título de superiores; enfim a vigilante solicitude que ela deve empregar nos negócios domésticos, a fim de que a economia, a ordem, o bom governo de casa façam que seu marido ache nela a paz e felicidade doméstica.

É por essa razão que a mulher cristã deve, de boa vontade, viver mais tempo em casa, e sair só por necessidade, e ainda com permissão de seu marido.

Veja bem, Ernestina, se faz como a sua amiga Demétria, que diz que quer se casar para passear todo o dia pela rua do Ouvidor, e comprar as lojas inteiras. Pobre marido! Futuro e ainda problemático; é o que vale!

A esposa que quer conservar a paz doméstica, adquirir uma ascendência legítima sobre seu marido, transformar a sua casa em um paraíso terrestre, use pois constantemente dos conselhos seguintes, usados com tanto proveito por todas as santas mulheres: orar, trabalhar, sofrer e calar-se.”

— Mas Ernestina — continuou interrompendo a sua leitura — agora é que me recordo que papai me mandou a toda a pressa avisar a você que o Sr. bispo D. Luiz seu padrinho vinha hoje jantar aqui e também o Dr. Adalberto. E eu que estou há mais de uma hora a ler, sem me lembrar.

— Com efeito, Frederico — exclamou Ernestina levantando-se apressadamente — é um esquecimento imperdoável. Que tempo tenho para mandar aprontar alguma coisa mais. E hoje que é sexta-feira, dia de jantar de peixe.

— Ora, você sempre se há de arrojar, Tinoca; seu padrinho contenta-se com qualquer coisa. Agora, enquanto és Dr. Adalberto é que não sei.

Porém Ernestina já o não escutou pois saíra com pressa para dar suas ordens para jantar.

Capítulo X — Pai, padrinho catilhada

Seriam quatro horas da tarde. O comendador Athayde e o bispo d. Luiz de Mendonça achavam-se na sala, à espera do Dr. Adalberto, que ainda não havia chegado.

Os leitores que leram Maria do Patrocínio não se hão de por certo ter esquecido do virtuoso sacerdote, o padre Luiz, que levado pelo seu fervoroso zelo apostólico, missionava nos sertões de Mato Grosso.

S.M. o imperador, ciente das suas grandes virtudes, zelo e ilustração, o nomeara para ocupar a sede episcopal de... que se achava então vaga. Por muito tempo o humilde e piedoso sacerdote se recusara essa honra de que se julgava indigno e de cuja grave responsabilidade se não queria encarregar. Foi-lhe porém necessário

curvar a vontade à obediência, e sagrado havia pouco, não tinha ainda podido ir tomar conta de sua diocese.

— A nossa Ernestina vai então tomar estado — disse ele ao comendador.

— É verdade. Bem me custa separar-me dela mas estou velho e doente; é mesmo conveniente dar-lhe um protetor.

— Ah! — respondeu o bispo com um suspiro — nem sempre... Mas — continuou depois de uma pequena pausa — não é necessário separar-se dela.

— Com efeito; mas v. ex. bem sabe que uma filha casada tem outras obrigações, outros cuidados e embora respeitosa e cheia de afeição para com seu pai, não se pode dedicar exclusivamente a ele.

Vendo a piedade e virtudes de Ernestina, eu me havia lisonjeado de que talvez ela preferisse ficar solteira; era porém meu dever fazer-lhe conhecer a vantajosa proposta que me ofereceram. Ela aceitou-a. Espero que será para bem, pois na realidade esse consórcio merece minha completa aprovação.

Quando se toma um estado por levianidade ou capricho, é mal; mas quando, como Ernestina, se procura unicamente seguir a vocação divina, pode-se fazê-lo sem vir a ter tribulações pois não há estado que esteja isento delas; mas ao menos suportam-se com resignação e com a

lembrança de que se está cumprindo a vontade de Deus. Mas ei-la aqui.

Dizendo estas palavras, o bispo levantou-se e foi ao encontro da jovem que lhe beijou a mão com todo o respeito.

— Então deixo-o com sua afilhada por alguns momentos — disse o comendador levantando-se.

— E agora, Ernestina — disse o bispo com ar alegre — vais então tomares estado?

— Sim, meu padrinho. Para lhe falar com sinceridade eu tinha outras intenções; apraziam-me a vida dedicada da irmã Maria do Patrocínio e de minha amiga Luizinha, mas não sei como, decidi-me de outra maneira.

— O estado do matrimônio é um estado santo e instituído por Deus. Ele é quem escolhe o estado a que nos destina; basta que sigamos essa vocação. O céu está cheio de Santos que nele se santificaram. Procura imitar os seus exemplos, minha filha e conserva nesse estado a piedade e a devoção que tens sempre tido graças a Deus. Aproveita estes dias para te preparares para ele por meio da oração e frequentando mais os Santos sacramentos. Estou certo que não tomaste esta resolução sem primeiro refletir e tomar o conselho daqueles que te poderiam guiar nessa circunstância... Mas ouço parar o bonde, talvez seja o Dr. Adalberto.

Era com efeito o Dr. e depois dos competentes cumprimentos, ele, o bispo, o comendador e seu filho, que entraram ao mesmo tempo na sala, continuaram a conversar até que o criado veio dar parte de que se achava o jantar na mesa.

Capítulo XI — Jantar

A mesa estava lautamente servida e o Dr. Adalberto, filho do Norte, notou com gosto vários manjares temperados com leite de coco, conforme o uso de sua província.

— Porém — disse o bispo que está a acostumado a se alimentar com suma frugalidade e de alimentos muito simples a custo suportava o ardor das pimentas — me parece que menos pimenta seria mais conveniente.

— O que! — disse o Dr. Adalberto — a pimenta é a alma destes guisados; já viu vatapá e moqueca sem pimenta?

— Mas talvez meu padrinho prefira um pouco deste peixe frito que não tem pimenta — disse Ernestina.

— Também eu não gosto dela — continuou o comendador — e nestes dias de abstinência não como tão bem, pois não sou apaixonado por peixe.

— Poderia comer ovos ou outras coisas assim — disse Pippo — o preceito da Igreja não manda comer peixe, mas sim abster-se da carne.

— Eu sempre em minha casa procurei cumprir com esse preceito. — continuou o comendador — Muitos dizem que não compreendem o mal que há em comer carne na sexta-feira, mas...

— O mal está na desobediência às leis da Igreja; eu não entendo estes católicos que em vez de se cingirem ao que ordena sua religião, vêm com falsas razões e argumentos para se eximirem de tudo o que os contraria. Porém admiro-me Sra. D. Ernestina, que sendo fluminense, em sua casa se saibam todos os segredos da confecção dos quitutes do Norte — disse o Dr. Adalberto.

— Minha mulher era pernambucana — respondeu o comendador.

Houve um momento de silêncio; a lembrança da virtuosa senhora que a morte arrebatara, havia despertado saudosas recordações, e os olhos de Ernestina estavam cheios de lágrimas.

O Pippo percebeu-o e para distrair essas ideias penosas, dirigindo-se ao Dr. Adalberto disse com ar alegre:

— Conquanto seja hoje o dia em que pela primeira vez tive o gosto de conhecer pessoalmente o Sr. Dr. Adalberto, todavia já desde o ano passado o conheço e aprecio.

— Como assim? — respondeu o Dr. agradavelmente surpreendido.

— Pelo seu discurso na Câmara dos Deputados contra o casamento civil.

— Contra essa mancha com que querem macular nossas famílias?... Macular? Antes destruir, pois o casamento civil é sua ruína e destruição. Não é preciso ser católico, basta ter brio e vergonha, para repelir esse opróbrio com que ameaçam nossos filhos. Qual é o homem que pode respeitar a mulher que consente em tal vergonha! Além disso sei que é dogma de Fé que o matrimônio foi elevado por Jesus Cristo à dignidade de sacramento e que a união conjugal não é lícita senão no matrimônio sacramento...

— E com que direito podemos abolir um Sacramento? — disse o comendador. — Se vamos assim, podemos do mesmo modo abolir os outros seis!

— Sim, — continuou o Dr. Adalberto — sem o sacramento não existe o matrimônio e a mulher não passa de...

— Folgo — interrompeu o bispo antes de ouvir suas palavras — tais deviam ser as de todos os católicos.

— E acaso — prosseguiu o Dr. Adalberto — viu-se jamais a autoridade civil proceder à administração dos sacramentos?

Nem mesmo os protestantes o admitem naqueles ritos que reconhecem como tais.

Porventura não pertence isso unicamente à Igreja? Quando se tem dúvidas sobre a realidade de qualquer sacramento recorre-se ao chefe de polícia e magistrados?

E por que motivo se há de reparar o sacramento do matrimonio dos outros sacramentos?

— E não só é sacramento — prosseguiu o bispo — mas como diz o Apóstolo, é sacramento *grande*, sacramento cheio de profundos mistérios, sacramento fecundo em efeitos grandiosos. Seu fim não é simplesmente a propagação do gênero humano na terra, mas sim a multiplicação dos filhos de Deus na igreja, dos glorificadores eternos de seu nome nos céus.

— Porém — continuou o Dr. Adalberto — também porque motivo alguns procuram com tanto ardor promover o casamento civil? É porque querem calcar aos pés todos os laços, eximir-se de todas as obrigações perante essa que Jesus Cristo elevou por meio do sacramento à dignidade de companheira do esposo e que pelo casamento civil querem degradar à qualidade de suas escravas?

— Apoiado — disse Frederico.

Ernestina se havia conservado silenciosa; todavia em seu nobre coração ela repetia — Não!

não haverá brasileira tão pouco digna que se queira prestar a semelhante opróbrio!

A discussão continuou ainda por alguns minutos, depois de que o bispo levantando-se, deu graças, no que foi acompanhado por toda a família, e todos foram alegremente passear pela bela e espaçosa chácara.

Capítulo XII — Cego

Quão rapidamente se mudam as cenas desta vida! Deixamos Ernestina cheia de suave alegria, embalada na doce esperança de uma ventura sólida, santa e repleta de consolações! Encontramo-la apenas uma semana depois, pá-lida com os olhos arroxeados pelo pranto e com o coração torturado por indizível angústia.

Assim, às vezes à uma manhã serena succede um dia de tempestade! Tal é a vida! Ditoso aquele que dão põe a mira senão no horizonte sempre sereno da pátria celestial!

Porém, qual fora a causa dessa súbita mudança? Havia dois ou três dias que o comendador Athayde, pai de Ernestina, sentira agravar-se lhe a moléstia de olhos que há tempos padecia.

Continuando o tratamento prescrito, nem sequer suspeitava a desgraça que o ameaçava! Havia-se deitado na véspera sem maior novidade, porém ao levantar-se de manhã, achava o quarto desusadamente escuro. Julgando que se havia apagado a lamparina e que era ainda noite, envolveu-se em suas cobertas e procurava de novo adormecer, quando ouviu que o relógio dava sete horas!

E por que motivo nenhum só raio de luz penetrava em seu quarto?

Aterrorizado, sobressaltado, tocou a campainha, chamou o criado e mandou abrir as janelas de par em par! Ai!... Continuou a achar-se envolto em densas trevas! Um gemido surdo, abafado lhe saiu do peito. A triste realidade lhe assomara à mente: estava cego!

Voltemos a Ernestina. Qual sua dor, qual sua angústia, bem se pode ajuizar!

Chorou muitas horas mas depois orou, e, mas plácida depois da criação, e refletiu.

No momento em que a tornamos a encontrar, ela acaba de escrever algumas linhas em um papel que dobrou cuidadosamente. Nesse momento a porta da saleta em que se achava abriu-se e Frederico também pálido e com as feições demudadas pela mágoa, entrou apressadamente.

— Então — perguntou-lhe Ernestina — vem todos?

— Sim; convidamos os mais distintos especialistas; daqui a meia hora estarão aqui. Ah! Ernestina, tremo da sentença que provavelmente havemos de ouvir.

— E que se há de fazer, meu irmão. — respondeu Ernestina — Agora o nosso dever é suavizar o mais possível a situação do nosso amado pai.

— E você persiste, Ernestina, na sua resolução? Lembre-se, minha irmã, que essa determinação vai dilacerar o coração do Dr. Adalberto: demais você já lhe tinha dado a sua palavra, e mesmo papai não consentirá!...

— Papai deve ignorar os meus motivos, Frederico. Enquanto a minha palavra, eu a dei quando meu pai não precisava de mim; agora que a desgraça o feriu, agora que precisa de sua filha, julga você que o devo desamparar?

— Desamparar, não! Então você casada não pode também servir de consolo a nosso caro pai?

— Mas não me posso dedicar toda a ele; tendo outros deveres a cumprir, não posso ter para com ele o cuidado e a solicitude de que tanto precisa agora.

— Mas...

— Não falemos mais nisso, Frederico; minha resolução está tomada, e será inabalável, se o prognóstico dos médicos for o que infelizmente receamos — continuou com um suspiro — você

lerá ao Dr. Adalberto o que escrevi neste papel... Demais ele já sabe, não é assim? Você já lhe disse.

Frederico quis replicar, porém Ernestina entregando-lhe o papel nada mais quis ouvir.

Uma hora depois os mais distintos oculistas da corte acharam-se reunidos no aposento do enfermo.

Ernestina, pálida e trêmula, assistia à conferência. Junto a ela se achavam o Dr. Adalberto e Frederico.

O comendador sabendo que ao redor de si já se achavam aqueles que iam decidir sua sorte, empalideceu! Um suor frio lhe banhara as fontes, e quase involuntariamente estendeu os braços para diante, Ernestina lançou-se neles. Por alguns instantes o pai e a filha choraram juntos.

Afinal o comendador venceu a sua emoção, acalmou-se, e voltando-se para o lado onde jogava acharem seus médicos, disse com voz firme:

— Meus senhores, estou às suas ordens.

Os médicos aproximaram-se para examiná-lo...

O exame foi longo e minucioso; os ilustrados especialistas depois de terem interrogado o doente e de o terem examinado, como disse, com a mais escrupulosa atenção, retiraram-se para conferenciar.

Discutiram por muito tempo, e afinal concordaram no seguinte:

Diagnóstico: — Paralisia da retina.

Prognóstico — meio grave, pois consideravam a moléstia, aliás sempre perigosíssima, no caso presente completamente incurável.

Entretanto um dos doutores, cheio de compaixão à vista desolação em que via Ernestina, aproximou-se a ela e com voz branda e cheia de tocante interesse, fez-lhe ouvir algumas palavras de esperança.

A jovem, porém, toda entregue à sua acerbidade dor nem sequer pareceu escutá-las. Não assim o Dr. Adalberto; com o coração apertado com a alma dilacerada por uma dor, a maior que jamais sentira, tinha ouvido de Frederico, a confirmação do que Ernestina já lhe havia mandado comunicar. As palavras do doutor pareceram fazê-lo sair do torpor em que se achava. Levantou-se de um salto, e por sua vez examinou longamente o enfermo.

*

No dia seguinte caía o ministério, e entre as que faziam parte do nono gabinete, figurava o Dr. Adalberto. Debalde, porém, o procuravam em todos os lugares em que parecia ser encontrado.

Não o puderam achar.

Mas no dia seguinte, na lista dos passageiros que partiram para *Sant Hampton*, lia-se o nome do Dr. Adalberto de Aguiar.³⁸





Segunda parte



Capítulo I — O recreio das orfãzinhas

Olha, olha que passarinho *chic!*

— Onde está?

— Olha, ali metido naquela moita; que lindeza! — respondeu Lulu.

— Espera, eu vou ver se o apanho.

E a pequenina estendendo a mão devagar e com jeito, conseguiu agarrar no pássaro meio embaraçado entre os cupins.

— Dá-cá, dá-cá — disse Lulu.

— Era o que faltava! O passarinho é meu; fui eu que o apanhei.

— Mas fui eu que eu vi primeiro — disse Lulu, quase a chorar.

— Que é? — disse uma outra muito novinha ainda que atraída pela voz chorosa de Lulu quis saber do que se tratava.

— É um passarinho que eu apanhei — disse Chiquinha.

Solta, solta disse a pequenina recém vinda que não parecia ter mais de quatro anos; passarinho bonito vai para o céu e diz ao Menino Jesus que Nenê lhe quer bem.

— Que tola — disse Chiquinha — então você pensa que este céu é o céu de Deus? — E Chiquinha querendo provar esta asserção, abriu sem pensar a mão, e lá se foi o passarinho.

Enquanto as meninas espantadas do sucesso o seguiu com os olhos vieram outras duas a correr.

— Chiquinha — exclama Helena — você quer vir brincar conosco de loja de fitas? Eu sou o anjo, Candinha o dono da loja e você o demônio.

— Eu? Muito obrigada, seja você o demônio se quiser, eu não quero.

— Então quem há de ser? Candinha também não quer.

— Seja lá quem for — respondeu Chiquinha, muito zangada.

— Então brinquemos de outro brinquedo — disse Helena — vamos a uma roda. “Senhora D. Sancha,/ Coberta de ouro e prata.”

Bem estão vendo os meus leitores que assistimos ao recreio das pequeninas do asilo de Nossa Senhora do Patrocínio, cerca de dois anos depois dos acontecimentos que relatamos na primeira parte desta narrativa.

A roda das meninas foi interrompida por um grito de alegria, que daí a pouco repercutiu por inúmeras vozes, soou por todo o campo do recreio. As meninas deixando os seus folguedos e acompanhadas pela irmã Úrsula que as vigiava, correram pressurosas ao encontro dessa, cuja chegada a causara tão vivo contentamento.

Dir-se-ia uma quantidade inumerável de borboletinhas de todas as espécies esvoaçando alegres em torno de uma atraente flor.

E por certo, flor mais preciosa não se poderia encontrar do que Maria do Patrocínio, a virtuosa, a Santa superiora do asilo.

Sorrindo alegremente retribuiu às suas orfãzinhas carícia por carícia, indagando de uma, beijando a outra, animando esta, olhando mais séria para aquela: enfim entre as pequenitas aglomeradas ao redor dela distribuiu uma grande cesta de balas que trazia e desvencilhando-se a custo dos bracinhos que a procuravam reter, continuou o seu caminho para o lado da chácara, onde era o recreio das pensionistas mais velhas; das grandes como lhe chamavam.

Capítulo II — O recreio das grandes

Se o recebimento que fizeram à sua Diretora as alunas pensionistas não foi tão ruidoso, por certo também que não foi menos cordial, nem menos afetuoso.

E não era ela para todos, uma amiga, uma mãe? Acostumadas a sempre encontrarem nela, um coração disposto a amá-las e receber suas íntimas confidências, aconselhá-las e dirigi-las, nenhuma de entre elas havia que não lhe consagrasse a mais intensa afeição. Era pois comprazer sempre crescente que viam aumentando-se pois depositavam nessa que tão bem sabia responder à sua ingênua confiança.

Ao ver a superiora e a irmã Luizinha e as meninas de cerca de 14 a 15 anos que compu-

nham a primeira divisão das pensionistas, é que juntas passeavam alegremente, reuniram-se ao redor do banco rústico sobre o qual se assentara, e alegremente lhe beijando a mão e perguntaram se tinha alguma boa notícia que lhes dar, pois conquanto a vissem todos os dias, nem sempre aparecia ao recreio.

— Tenho sim — respondeu Maria do Patrocínio — o senhor bispo D. Luiz de Mendonça vem fazer-nos uma visita. Sei quanto estimam essas boas visitas cujos resultados são narrações agradáveis: antos conselhos e uma distribuição de delicados mimos, religiosos e preciosos livrinhos; não é assim?

— É sim! — responderam as meninas batendo palmas e algumas, apesar de sua dignidade de 15 anos, pulando de contentes.

— E quando vem? — perguntou a irmã Luizinha que muito estimava, e que se lembrava com afetuoso reconhecimento de que fora ele quem a preparará para a sua primeira comunhão para esse ato, do qual sempre se recordava com indizível ternura.

— Um destes dias e... É verdade, Luizinha, o Augusto marido de sua prima Engracinha, esteve hoje aqui, e me trouxe cartas de Papai e de Mamãe.

— Da Sra. Condessa minha madrinha? de meu padrinho? Como vão eles? E Jorginho meu irmão?

— Vão todos muito bem, graças a Deus; Jorginho está ainda duvidoso sobre a carreira que deve seguir. Ele nos pede orações para conhecer sua verdadeira vocação.

— E quando chega a Sra. Condessa? — perguntaram algumas meninas.

— Não me diz nada a esse respeito — respondeu a superiora. E agora, minhas filhas, tenho ainda outra coisa que dizer-lhes.

Lembram-se de certo daquela minha cara amiga, da qual lhes tenho falado tantas vezes: de Carmem, enfim. Pois bem, hoje pondo em ordem alguns papéis, encontrei uns bonitos versos copiados por sua letra. Como vocês outro dia desejava algumas palavras para aquela música que Pippo lhes tocou, lembrei-me de lhes trazer essa poesia.

— Faça favor de a deixar ver, Sra. superiora, sim? — disseram as jovens.

— Leia Alice — disse a superiora.

A menina designada, pegou no papel e leu os seguintes versos:

“Gentil donzela não sentes,
Às vezes ao peito teu,
Um suspiro e um afeto
Que te eleva quase ao céu?”

Quando esquecendo esta vida,
Te pões sozinha a cismar,
Não sentes que a alma tua,
Anela uma imenso amar?

Aspiram um bem e ventura
Que ao redor de si não vê,
E ao que de balde procura,
E pede a Deus que lhe dê?

É meiga virgem, esse anelo
Só acha eco nos céus:
Verdadeiro gozo e paz
Só se pode achar em Deus.”

— Que bonito! Que lindos versos — disseram as meninas.

— E quão bem exprimem o que se passava na alma angélica de Carmen — disse a superiora com um suspiro — mas...

E aqui Maria do Patrocínio interrompeu-se; tinha visto por entre as grades do portão passarem vulto que atraía a sua atenção. Era uma velha já decrépita e coberta de andrajos. Conquanto acostuada a contemplar todos os dias a miséria humana em todas as suas fases, a vista daquela hedionda velha, como que pareceu despertar nela uma espécie de repulsão.

Além disso, parecia-lhe já tê-la visto em outra ocasião; seria verdade ou ilusão do seu espírito? Todavia a santa superiora dominando por um esforço de sua vontade a repugnância que sentira, levantou-se apressadamente queria ver se a mendiga batia à porta do asilo, pronta

para lhe abrir essa porta benéfica e juntar mais uma a tantas desgraçadas que aí achavam abrigo e salvação.

A velha porém não parou e foi continuando o caminho. Quem todavia tivesse estado junto dela, quando passou pela porta do edifício, não teria deixado de reparar no olhar por assim dizer diabólico e carregado de ódio, que lançara para essa casa, onde entretanto florescia as mais acrisoladas virtudes.

Capítulo III — A cela de Maria do Patrocínio

A superiora tendo deixado o recreio subiu à sua cela. Era um quartinho modesto e pobre; uma pequena cama de ferro, uma mesa simples e duas cadeiras formavam toda sua mobília. Todavia aí se viam dois objetos de inestimável valor e que atraíam a atenção logo ao primeiro olhar.

Era um Santo Cristo, obra prima de preciosismo labor, e um quadro da Virgem com o menino nos braços de expressão tão celeste que um volver de olhos para essa imagem parecia como que acalmar todas as dores.

Nesse pequeno quarto porém, quantos prantos se haviam enxugado, quantas agonias cessado e quanto desânimo trocado em animadora esperança!

Se todas as obras de misericórdia são meritórias; se dar de comer aos famintos e de beber aos sedentos são ações dignas de todo louvor; a mim parece todavia que a de consolar os tristes, é ainda mais merecedora.

De fato, só quem tem experimentado a angústia de uma dor moral, de uma dessas mágoas que envolvem a mente como quem em escuro nevoeiro, ao mesmo tempo que parecem, dilacerando o coração, extinguir nele toda a esperança; é que pode assaz avaliar o preço de carícia meiga que acalma angústia, do conselho piedoso que faz vir a resignação e da palavra animadora que de novo faz luzir a esperança, dissipando as espessas trevas do desânimo!

Maria do Patrocínio, cuja alma repleta de caridade bem conhecia o coração humano, jamais negava o seu auxílio, socorro e conselho aos tristes que a procuravam; e quantas lágrimas havia trocado em sorrisos!

Entretanto, em sua cela pensava no incidente do recreio quando uma das irmãs se apresentou diante dela. Era pouco mais ou menos de idade da superiora, porém, com quanto seu rosto conservar-se ainda traços de rara formosura, patenteava também nas rugas prematuras e num círculo arroxeadado que lhe circulavam os olhos sombreados de longos cílios, que grave, longa e dolorosa angústia lhe havia transpassado o coração.

— Que há de novo? — irmã Felismina lhe perguntou a superiora sorrindo brandamente.

A resposta da irmã Felismina foi uma torrente de lágrimas, quem fundaram as mãos de Maria do Patrocínio, que ela ajoelhando apertara entre as suas.

A superiora abraçou-a docemente e a cariciando-lhe a fronte como se faz as crianças, lhe disse com sua voz meiga e suave:

— Que novo desgosto a acabrunha, minha irmã, porventura não me havia prometido que procurava consolar-se! Que lançando todas as suas culpas passadas no oceano infinito de misericórdia, no Coração de Jesus, não recusaria entregar o seu coração a paz e alegria que deviam ser o apanágio daqueles que servindo a Jesus, tem jugo suave e leve.

— Mas... Eu hoje vi... vi um ente que eu esperava não mais ver e cuja vista renovou me o atroz remorso que me punge a alma. Vi-o passar pela estrada ali defronte.

A superiora abaixou os olhos; ela então não se via enganado? Depois de uma pequena pausa, disse para Felismina:

— Acatemos os desígnios do senhor, pois são sempre cheios de misericórdia! Quem sabe? Talvez trazendo-nos essa infeliz, Ele nos proporcione a ocasião de praticar uma boa obra.

— Ah! Mas eu! Eu por cujo amor elia!... E também, porventura poderei eu jamais esquecer

o olhar derradeiro de meu infeliz, pai?³⁹ — exclamou com doloroso soluço a irmã Felismina.

— E ele aí onde agora está, no céu, feliz e venturoso a casa ainda por isso padece? Ah! não; ele roga com amor por sua filha que já por demais tem chorado e a quem Deus já perdoou, e que permitindo que por seu intermédio tantas lágrimas se tenham enxugado e tantas Almas tenham sido salvas, bem claramente mostra não quer mais a continuação dessa mágoa incessante.

Felismina mais consolada ia responder, mas o vento que desde o anoitecer sibilava presagiando tempestade, como que rugiu com mais força; um trovão fortíssimo abalou o edifício, e a irmã Felismina, levantando-se sobressaltada, exclamou espavorida:

— Que noite medonha! Faz me lembrar aquela em que eu...

— Cale-se, minha Felismina — lhe disse brandamente a superiora — talvez permita Deus que esta noite nos proporcione a ocasião de o servir na pessoa de algum desvalido. Mas já se vai fazendo tarde; vá ter com as outras irmãs.

Felismina retirou-se.

Capítulo IV — A Ordem Terceira de São Francisco

As minhas leitoras e leitores, pois devo esperar que minha pequena narração, que estas humildes cenas que faço passar ante os olhos dos que pegarem neste livrinho, não passarão de todo despercebidas, hão de por certo desejar saber a que ordem religiosa pertenciam Maria do Patrocínio e suas irmãs.

Olhando para o seu hábito e para o cordão que a cinge, saberão logo, que se alistaram nas fileiras do patriarca de Assis, de S. Francisco, o Serafim do amor divino, cuja alma de Santo e de poeta toda extasiada em Deus, soube, inspirado por ele, formular uma regra que, dividida em três ramos, ainda hoje depois de séculos, durante os quais tão sólidas instituições e tão podero-

sos reinos tem caído por terra, permanece incólume, produzindo todos os dias copiosos frutos de virtude e santidade.

Pertenciam, pois, à Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, tendo-lhe sido acrescentadas as constituições que o padre Luiz de Mendonça, encarregado por seus tios os condes de Vila Rica, fundadores do asilo de Nossa Senhora do Patrocínio, havia auxiliado por vários distintos teólogos entre os quais o piedoso capuchinho, cheio do Espírito Santo patriarca, achando mais convenientes e adaptadas a nossa época.

E pois que falamos na Ordem Terceira de São Francisco, deveremos notar que essa regra, hoje professada em sua integridade pela congregação secular instituída na Igreja de São Sebastião, nada tem de austera; é apenas a vida cristã como deveria ser praticada por todos os cristãos. Preceituando apenas o cumprimento dos Mandamentos de Deus e da Igreja, exortando à concórdia, à simplicidade e à caridade, essa regra que o pontífice Leão XIII tanto tem preconizado, desejando que assim como ele, todos os católicos nela se alistem, atrai pela sua suave facilidade, por que se adapta a todas as posições e a todos os estados.

E é por isso que, desde o seu princípio até agora, tem se visto um número considerável de reis e rainhas, de príncipes e princesas, como também até mesmo de cardeais e papas que se honram de vestir o hábito do humilde franciscano.

E desde S. Luiz Rei de França a santa Izabel de Hungria, até aos mais pequenos e humildes, inúmeros e sem conta têm sido os seus membros.

Nesta época em que a regeneração da sociedade ocupa todas as ideias, e que volumes e volumes se escrevem sobre esse assunto, nada mais fácil seria para a realização desse intento, do que a multiplicada difusão dessa regra, a qual conservando cada um em seu estado e posição, e sem os inibir de nenhum dos encargos a elas inerentes, os habilita e sem esforço e com a maior facilidade, atingir pelo perfeito cumprimento de seus deveres para com Deus, para com a sociedade para consigo mesmos, ao aperfeiçoamento individual que traz consigo a regeneração moral de toda a sociedade.

Voltemos porém à nossa narração.

Capítulo V — A tempestade

Entretanto a noite se adiantava; meia noite já soara.

O vento soprava furioso e abalava as árvores seculares que, todavia, pareciam desafiá-lo.

Trovões incessantes atroavam o ar; a escuridão era tal e apenas interrompida pelos relâmpagos que se sucediam rapidamente.

Ouvia-se o bramido das águas do rio, que engrossadas pelas torrentes de chuva, despenhavam-se com fragor, arrastando consigo pedras e troncos de árvores.

No meio do ruído da tempestade ouvia-se de quando em quando como que um gemido plangente; era o sino da capela do asilo, que desferia de espaço em espaço, lúgubres badaladas.

A superiora que, ainda a essa hora adiantada, se conservava ajoelhada em oração ao pé do crucifixo, prestava o ouvido a esse som longínquo, a ver se seria algum pobre transeunte que necessitasse de socorro e que batesse à sempre hospitaleira porta do asilo.

E a tempestade redobrava de furor; as irmãs aterradas se haviam erguido e corriam pressurosas ao quarto da superiora.

— Boa Mãe — exclamou a irmã Luiza dirigindo-se a ela — estamos cheias de pavor; que tempo medonho! Parece que a casa cai por terra!

— Não tenha receio, irmã Luiza — respondeu a superiora — que pode recear quem está nas mãos de Deus? Mas convém que as meninas e crianças não se assustem; quem ficou com elas?

— As irmãs Matilde, Francisca e Leonor.

— Muito bem; enquanto a nós, desçamos à capela. Imploremos à Virgem Santa; essa que é chamada a suave Estrela do Mar, terá piedade de nós. Meu Deus — acrescentou com um suspiro — tende a compaixão dos pobrezinhos, que se acham neste momento sem asilo e sem abrigo capaz de resistir a tão medonha tormenta.

— E dos que se acham sobre as águas do mar — acrescentou a meiga irmã Luiza, com os olhos repassados de lágrimas.

— Acordem os criados — replicou a superiora — acendam as lanternas e estejam todos prontos; talvez seja necessário prestar socorro a

alguém. O porteiro que esteja alerta para acudir a qualquer toque da campainha. Creio que o rio transbordou; que será feito meu Deus, dos moradores daquelas casinhas lá perto!

As ordens da superiora foram imediatamente executadas, e depois, as irmãs com passos compassados e as mãos cruzadas sobre o peito, se dirigiram para a capela.

Capítulo VI — A oração

Conquanto solidamente edificada, o vento furioso penetrava na capela, e fazia tremular a luz da lâmpada suspensa defronte do Tabernáculo.

As irmãs ajoelharam em silêncio. Então a superiora ergueu a voz:

“Suave estrela do mar
Que sois a nossa esperança;
Dissipai a tempestade
E nos trazei a bonança.
As irmãs repetiram em Coro:
Dissipai a tempestade
E nos trazei a bonança.
A superiora
Iris sereno da paz
Doce auxílio do cristão,

Atendei aos nossos rogos,
Ouvi a nossa oração.
Esse que de vós, Maria
Por nosso amor quis nascer
Se digne por nossos rogos,
A nossa prece atender.”

E o canto acompanhado pelo fragor da tempestade repercutia solenemente pelas abóbadas da capela.

De repente, ouviu-se tinir com força a campainha da portaria.

A irmã Felismina correu à porta; um menino tiritando de frio entrou precipitadamente; e tendo dito algumas palavras a Felismina, tornou a ir correndo tanto quanto lhe permitiam a escuridão e o vento.

Capítulo VII — O incêndio

Ouvindo as palavras do menino, Felismina deu um grito de terror, e correndo para onde estava a superiora, encaminhou-a precipitadamente para junto da porta que ficara entreaberta.

Maria do Patrocínio olhou para o lado que Felismina lhe indicava, e empalideceu!

Os trovões haviam cessado, e não chovia mais; todavia a noite continuava escura e carregada, e por entre as densas trevas que a tornavam ainda mais visível, percebia-se o clarão avermelhado de uma chama que rodeada de colunas de fumo, envolvia um dos cantos do edifício destinado às órfãs.

A superiora, dominando o susto e a commoção que lhe causara esse temeroso espetáculo, apressou-se em dar as suas ordens.

— Depressa — disse Felismina — vá dizer às irmãs que estão com as órfãs, que as acordem e façam passar para o lado das pensionistas. Não percam tempo, mas cuidado que as pequeninas não se assustem. — continuou a terna mãe — A irmã Luiza e a irmã Rosa, que fiquem na capela implorando para nós o auxílio do céu. Sr. Manoel — prosseguiu dirigindo-se ao feitor que acompanhado dos trabalhadores e mais empregados do asilo — corre para acudir ao incêndio; organize o trabalho e traga a bomba do jardim.

— Já aqui estão, sim senhora.

— Mande a casa do comendador Athayde; ele tem muitos empregados e tem as bombas de irrigação da chácara.

— Pippo que foi que nos veio avisar, já lá está — respondeu a irmã Felismina — não há de tardar... olhe — continuou — lá vem do Dr. Frederico com uns poucos homens.

Com efeito Frederico acompanhado de todos os empregados da casa do comendador, vinha a correr.

— Augusto — disse a superiora a um belo rapaz que viera também — como é que deixaste sozinha a Sra. Gertrudes, tua avó?

— Não deixei, não senhora, o rio ameaçava invadir a nossa casa; assim, eu a levei para a casa da Sra. D. Ernestina.

— Fizeste muito bem; agora torna para lá, e diz a d. Ernestina, que eu lhe peço que mande pelo telefone avisar os bombeiros.

— Já estão avisados — disse Pippo que chegava nesse momento.

Enquanto se trocavam estas palavras, Frederico e o feitor Manoel organizavam o trabalho.

Tinham dividido os homens em duas turmas, uma das quais tirava a mobília e tudo o que havia no edifício incendiado, enquanto que a outra trabalhava na extinção do fogo.

Maria do Patrocínio multiplicava-se; conquanto, cheia de angústia, e cuidado, não perdia a serenidade. Ora animava as religiosas espavoridas, ora as pensionistas, ora ia para junto das orfãzinhas que semelhantes a pintainhos escondidos de baixo da asa paterna, não sabendo se deviam chorar ou rir, tão seguras se achavam sob esse carinhoso abrigo, e procurava alegrá-las e distraí-las; e ora também animava os trabalhadores com essa palavra e voz que todos tanto amavam e respeitavam.

O incêndio, porém, progredia cada vez mais, e até haviam sido baldados todos os esforços dos trabalhadores. A chama elevava-se e ameaçava invadir todo o edifício. Ouvia-se o crepitar do fogo, e clarões avermelhados alumiam a lúgubre cena. Rubras centelhas volteavam pelos ares.

A superiora temia que o fogo passasse para o outro lado dos edifícios, ou para a capela que ocupava o centro dos asilos.

E ela pensava:

— De que modo se atearia esse incêndio?

Começara pelo lado de fora!...

E sem que ela quisessem, seu pensamento fixava-se naquela hedionda criatura, que vira passar pela estrada, e que depois do que lhe dissera Felismina, não duvidava mais ter reconhecido.

Afastava todavia essa ideia, e perdia-se em conjecturas.

E o fogo lavrava sempre; a chama subia!...

Os trabalhadores cansavam; houve um momento de completo desânimo!

De repente ouviu-se um assovio estri-dente, um tropel, um rodar de carros e tinir de numerosas companhias; vinham os bombeiros e com eles o desejado auxílio! Era tempo; uma viga enorme caíra quase que esmagando um dos trabalhadores.

Havia porém chegado o socorro e algumas horas depois, o incêndio achava-se completamente extinto; tudo sossegava e repousava dos trabalhadores e afãs dessa noite de angústias; exceto a superiora que velava, e, cheia de cuidados, refletia!

Capítulo VIII — É Ela!

Era já dia, mas a atmosfera se conservava carregada, e o céu coberto de nuvens escuras.

Maria do Patrocínio tinha descido à chácara e contemplava pensativa os estragos da tempestade e do incêndio. Árvores enormes arrancadas pelo tufão jaziam por terra; o pomar tinha sido todo devastado e as frutas ainda verdes juncavam o solo.

O jardim atropelado pelos carros dos bombeiros, não apresentava mais sinais de alinhamento ou simetria, mas somente como que uma massa informe de terra, arbustos pisados e água; e aqui acolá, alguma flor, caída e cheia de lodo, pendendo até ao chão, a moribunda corola.

Viam-se também mais longe as paredes do asilo das órfãs todas enegrecidas pela fumaça e dominando quais fantasmas, a lúgubre cena;

A superiora permanecia imóvel e com os olhos fitos nesse espetáculo contristador!... De repente, porém entre o silêncio pesado que reinava por toda a parte, ela como que ouve um gemido fraco e doloroso. Escutou!... nada mais porém ouvindo, julgou que fora ilusão de seus sentidos... mas eis que de novo se escuta o gemido plangente.

Desta vez não havia dúvida; Maria do Patrocínio correu para o lugar de onde lhe parecia ter vindo essa voz lastimosa, e depois de ter procurado por alguns momentos, viu estendida por terra, uma forma humana. Aproximou-se e deu um grito de terror!

Ali, inanimada e quase sem vida, achava se essa que vira passar, que reconhecera, e junto a ela, objetos que patentearam claramente que suas suspeitas não haviam sido infundadas, e que na realidade fora essa desgraçada que ateara fogo que tão fatal podia ter sido. Vendo isso tudo, a superiora recuou espavorida.

— Sim — exclamou quase sem querer — é ela e foi ela..., mas por que motivo? Como é que depois de tantos anos ainda lhe perdura no coração esse ódio tão infundado...?

A Santa religiosa permanecia estopetada diante desse quase cadáver, hediondo, pisado, desfigurado... mas de súbito como que voltando a si do seu espanto, fez rapidamente desaparecer os objetos que podiam comprometer a infeliz, e chamando com força Manuel acudiu correndo.

— Depressa — disse — chame alguém, vamos levar para dentro esta mulher.

Manuel olhou para a velha com um olhar carregado; apesar do cuidado que tivera superiora em ocultar as provas do crime dessa desgraçada, ele tudo adivinhara e voltando-se para Maria do Patrocínio exclamou indignado!

— Pois então a senhora ainda vai recolher esta malucada? É melhor mandar chamar a polícia; que a leve e trate dela se quiser.

A superiora lançou-lhe um olhar severo.

— Obedeça — disse-lhe secamente.

Daí a pouco no melhor e mais macio leito da enfermaria, jazia a doente, tendo a seu lado Maria do Patrocínio e uma outra irmã, que ambas lhe prodigalizavam os mais desvelados inteligentes cuidados, enquanto esperavam pelo médico, que a toda pressa haviam mandado chamar.

Capítulo IX — A enferma

Como vizinho amigo, o doutor Frederico de Athayde, pois saibam com os nossos leitores que o irmão de Ernestina já havia tomado o grau e clinicava a algum tempo com muita perícia e felicidade; estava sempre pronta a todas as horas do dia e da noite, a acudir aos chamados do asilo; e conquanto se achasse bastante fatigado pelo trabalho da noite antecedente, logo que recebeu o recado da superiora apressou-se em comparecer.

Examinou a doente com todo o cuidado; não pode todavia dissimular a Maria do Patrocínio que o acompanhava com o olhar ansioso, que o estado da enferma era de todo desanimador.

— Idade avançada, constituição gasta pela miséria e vida de Sregrada... Mas onde a encontrou? Como veio ter ao asilo nesta noite tormentosa?

A superiora nada respondeu a essas perguntas, porém olhando para ele com ar cheio de cuidado e afã, lhe disse:

— Mas não haverá esperança de que ao menos torne a si por alguns momentos?

— Será difícil, minha senhora, vou porém envidar todos os meus esforços.

— Sim, eu lhe peço, Sr. Doutor!... Pobre Praxedes, continuou quase involuntariamente.

— Praxedes? — exclamou Frederico — essa que outrora a quis... Agora compreendo! irmã Maria, eu a admiro e venero! A superior a corou intensamente; sem querer havia divulgado o seu segredo!

Entretanto o doutor Frederico, auxiliado pela superiora e outra irmã, punha em prática todos os meios prescritos pela medicina para fazer voltar a si a doente. Sinapismos, fricções repetidas, cáusticos volantes, injeções hipodérmicas, tudo tinha sido tentado, mas debalde.

Afinal, porém, depois de muitos esforços, a enferma fez um movimento e abrindo os olhos volveu-os como que admirada ao redor de si.

Aquele quarto aseado, aquele leito macio, as feições angélicas que se debruçavam sobre ela...

— Terei morrido? — pensava, — estarei no céu? Mas não! Se eu tivesse morrido, não estava aqui; o céu não é para mim! Julgaria estar sonhando...

De repente abriu-os de novo e, fitando-os de Maria do Patrocínio, parecia estar reunindo suas ideias.

— Onde estou? — perguntou afinal.

Mas antes de lhe responderem, tornou a cerrar os olhos; tinha adormecido.

O médico tomou-lhe o pulso.

— Por enquanto não há perigo, — disse — está dormindo. Façam-na tomar a poção que receitei: voltarei de tarde.

— Venha cedo, Sr. Doutor. — disse-lhe a superiora — Agora que voltou a si, poderemos ter alguma esperança?

O doutor sacudiu a cabeça em ar duvidoso.

— As lâmpadas, — disse — antes de se extinguir e dão um clarão mais vivo; ela pode acordar e poderá falar. Sei quais são os seus intentos, minha senhora; procure pô-los em execução com a possível brevidade; não há tempo a perder.

Maria do Patrocínio suspirou, e levantando os olhos para a imagem de Jesus crucificado que aí se achava, murmurou baixinho:

— Meu Deus! Não me negueis esta alma!

Capítulo X — O ósculo de paz

O dia inteiro passou-se quase do mesmo modo; a enferma ora dormia, ora, despertando, olhava ao redor de si, mas sem pronunciar palavra alguma. O doutor Frederico tinha tornado a vir e fizeram novas prescrições, sem todavia mudar o seu triste prognóstico, respondendo sempre às ansiosas perguntas da superiora.

— Aproveite a primeira ocasião, minha senhora, receio muito uma crise fatal.

A boa religiosa não se apartava um só instante da cabeceira da doente, atenta aos seus menores movimentos.

Cerca de meia-noite, Praxedes pareceu mais agitada, acordou e gemeu profundamente.

— Que tem, Praxedes — lhe perguntou a superiora com voz solícita e carinhosa.

A doente estremeceu e sentando-se na cama de súbito, exclamou:

— Quem é que sabe aqui o meu nome?

— Eu; Mariquinhas.

— Então não foi sonho! Mecé é nhan Mariquinha?

— Sim, — respondeu Maria do Patrocínio — e você bem sabe, Praxedes, que eu lhe quero bem!

— Sei, sim! Olhe, nhan Mariquinha, eu não estive só dormindo não; eu vi tudo: vi mecê, mas não conheci por causa do vestuário; mas mecê é boa... sempre foi — continuou com um suspiro — mas...

— Mas o que, Praxedes?

— Eu uma vez quis... e agora, mecê não sabe?

— Sei, sim.

— Sabe e não me deixou morrer.

— Não, Praxedes, eu quero que você viva.

— Nhan Mariquinha, eu estou para morrer, mas Nosso Senhor permitiu que antes eu visse mecê para me perdôa; me perdôa?

— De todo o meu coração, Praxedes, mas não é a mim que você ofendeu; a Deus é que você deve pedir perdão.

— Não, não, não; eu vou morrer, vou para o inferno, eu fui sempre má, e agora não é mais tempo!

— É sempre tempo Praxedes, Nosso Senhor está sempre pronto a perdoar ao pecador arrependido, por maiores que sejam os seus pecados.

A doente olhou para a religiosa fixamente depois de uma pequena pausa lhe disse como hesitando:

— Nhanha se tem lembrado de tudo o que eu lhe fiz?

— Lembro-me e não me lembro — Praxedes — lembro-me para lhe dizer que tudo eu esqueço e que lhe quero bem; mas aproveite o tempo; eu tenho aqui um padre muito bom; eu mando chamá-lo, sim? E você se conforma e recebe Nosso Senhor.

— Eu? eu...

E a pobre desgraçada desatou a chorar!

— Nhanha Mariquinha, quando eu abri os olhos, eu pensava estar no céu! Aqui é bom, mas... eu vou para o fogo!

— Cale a boca, Praxedes, Deus a trouxe para cá é porque lhe quer perdoar; vamos rezar uma Ave Maria a Nossa Senhora.

E rezou com ela, fazendo-a repetir palavra por palavra, como se costuma fazer com as crianças.

Quando acabaram a reza, Praxedes se conservou silenciosa por algum tempo, mas de repente voltando-se para a superiora, exclamou de súbito:

— Nhan Mariquinha, me dá um beijo?

Maria do Patrocínio estremeceu toda, ouvindo tão insólito pedido. Um asco físico e moral, uma repugnância extrema se apossaram

dela! Esse rosto hediondo, essa boca asquerosa, esses lábios imundos e blasfemos... Foi um combate horrível da natureza por um lado e da caridade pelo outro! Venceu, porém, a caridade e a santa superiora encostou os lábios puros, nessa imunda face! Mas o esforço fora tão violento que duas lágrimas lhe rolaram pelas faces.

Depois de a ter abraçado longamente, Praxedes dê um suspiro e disse com voz branda:

— Agora sim! Mecê me perdoou e por amor de mecê. Deus Nosso Senhor me há de perdôa. Mecê me beijou, sua boca é santa; posso receber Nosso Senhor. Chame o padre;

Alguns momentos depois, inclinado junto à cabeceira da enferma, o ministro do Senhor, sondava, sondava as chagas já gangrenadas, dessa alma pecadora.

Era um sacerdote ainda muito jovem, mas cuja alma abrasada em amor divino, era todo zelo e caridade. Avisado pela superiora que talvez tivesse de acudir à doente, ele nem sequer se deitara, a fim de mais depressa estar pronto para o chamado de Maria do Patrocínio. Ah! Que nenhuma diligência é demais, e nenhum sacrifício pesado, quando se trata de salvar uma alma!

O colóquio foi longo, mas terminou afinal com um sorriso de paz e conforto, que deixou iluminado o rosto da enferma.

Capítulo XI — O viático

A madrugada vinha despontando, e tão formosa! Dir-se-ia que a natureza à semelhança da donzela que por muito tempo coberta de luto, acha depois em infindo prazer em se revestir de risonhas galas, se comprazia em ostentar a sua amena lealdade! O rosado da aurora que já coloria o horizonte, parecia sucedendo a plúmbea escuridão da manhã antecedente, mais suave e gracioso, e as flores que haviam escapado à tempestade, brilhavam com esplendor mais vivo, esmaltando o verde folhagem que as rodeavam.

As janelas da sala onde estava a enferma achavam-se abertas de par em par, dando assim entrada a brisa carregada de perfumes da manhã, que vinha às vezes com o que acariciar a fronte da doente, transfigurada pelo arrependimento.

A superiora radiante de júbilo, se esmerava para que fizesse tudo quanto fosse possível, a fim de tornar mais solene e jubilosa essa primeira e última comunhão.

Junta ao leito da enferma havia-se preparado um depositário para o Santíssimo, todo alvo e guarnecido de festões floridos e rodeado das mais belas e perfumadas flores; era enfim um mimo ideado pelo amor divino da terra, para receber o amor divino do céu, que baixava ao peito da filha pródiga.

Mas o tinido argentino das campainhas já se ouve de mistura e com o alegre repicar dos sinos; as flores odoríferas que juncam o soalho desde a capela até a enfermaria, já são trilhadas, e já se aproximam em duas alas de religiosos, que seguram em alvos círios de pura cera, acompanham o Esposo Divino, cantando desde já o Cântico Sagrado que mais tarde cantarão eternamente no céu, seguindo um cordeiro imaculado.

Eis também já se aproximam os acólitos e entre eles o sacerdote segurando em suas mãos o Rei dos céus. A voz dos religiosos modula-se em mais suaves acentos e mistura-se o gorjeio dos passarinhos, que mudos nos passados dias do cataclisma, parecem sair de todos os lados nessa manhã cheia de encantos, para tomar parte nos louvores do seu e nosso Criador.

O ministro do senhor deposita a âmbula entre as flores do repositório e de novo se aproxima da enferma.

Repetiu-se o íntimo colóquio, e logo depois o Deus Soberano dos Céus e da terra desceu ao coração da sua criatura.

Houve um momento de silêncio solene, silêncio exterior, pois os corações se expandiam internamente em sua linguagem íntima dando graças sem fim ao Rei dos Céus...

A cerimônia findara e já todos se haviam retirado, exceto Maria do Patrocínio que rezara junto à doente.

De repente olhando para ela, viu um dourado raio do sol nascente que lhe pousava na frente; receando que a incomodasse, levantou-se devagar e cerrou a janela.

Praxedes olhou para ela, sorriu brandamente e murmurou baixinho:

— Obrigado.

Depois levou lentamente aos lábios o crucifixo que segurava entre as mãos, e permaneceu imóvel. Maria do Patrocínio aproximou-se; Praxedes já não existia! A alma regenerada pelo sangue de um Deus se erguera ao céu!



Terceira parte

Capítulo I— Na barca e pelo telefone

Seriam nove para dez horas da manhã; a barca que voltava de Niterói cortava ligeira a nossa formosa baía, e repleta de passageiros já estava prestes a chegar à corte, quando um cavalheiro que, fumando tranquilamente o seu charuto, lia com atenção o jornal, sentiu que lhe batiam no ombro, e uma voz bem conhecida lhe disse com tom alegre:

— Por aqui Frederico? Tão cedo e já de volta de Niterói?

— É verdade — respondeu Frederico — e o senhor, como vai? Tem tido notícias do nosso amigo?

— Muito boas.

E dizendo isto, o cavalheiro que interpellava Frederico, inclinou-se e disse-lhe baixinho algumas palavras ao ouvido.

A barca acabava de atracar; os dois amigos saltaram ligeiros e continuaram a sua conversação.

— E ele tem esperança de bom resultado?
— perguntou Frederico.

— Tem toda a esperança — respondeu o outro.

— Meu Deus se isso se realizasse!

— E porque não? Mas preciso de você, Frederico; havemos de ir juntos.

— De muito boa vontade... Porém meu pai e Ernestina me esperam e receio que fiquem com cuidado se eu não aparecer.

— Mande aviso.

— Por quem?

— Ora, pelo telefone.

— E eu nem lembrava disso!

E os dois dirigiram-se à mais próxima estação telefônica.

Posto em correspondência com o número pedido, Frederico perguntou.

— Quem fala?

— Eu, Ernestina, há alguma novidade?

— Nenhuma; como está papai?

— Bom; à sua espera.

— É isto o que eu quero dizer: encontrei um amigo que precisa de mim, por isso não me esperem senão à tarde;

— Pois sim, mas veja se você vem cedo, pois tia Judith chegou.

— Tia Judith? Oléré! Está de saúde a querida titia?

— Cada vez mais fortiezinha, mais ansiosa por ver o sobrinho predileto.

— E trouxe doces?

— Trouxe; e um botão especial para você.

— Muito bem; hei de fazer a diligência para chegar mais cedo, não só para ver a boa tia, como também para apreciar os delicados bolinhos, beijus...

— Ora, Frederico, você falando assim diante de...

— Não faz mal; só me escuta o Dr. Clau...

— Quem?

— Ninguém; adeus.

Capítulo II — Tia Judith

Era na verdade uma querida e amável criatura, essa tia Judith, que além dos sobrinhos verdadeiros, tinha ao que parece inumeráveis por adoção, pois todos a chamavam: tia Judith.

irmã do comendador Athayde, a boa senhora que na época em que tomamos conhecimento com ela, contava perto de sessenta anos, residia há bastante tempo em uma chácara ou antes sítio, em um dos arrabaldes de Niterói.

De estatura mediana, esperta e viva, com os cabelos ainda todos pretos, o nariz um tanto comprido e avizinhandose ao queixo, era ela o tipo de atividade. Sempre muito arranjada e pregadinha, modelo de ordem e excelente dona de casa, sabia uma infinidade de receitas, tanto

para todo gênero de males, reais e imaginárias, como também para todos os usos da economia doméstica. Primava na confecção de conservas de todas as qualidades, fazia licor e xarope de toda a espécie de frutos, e quanto a doces, bolos, pudins, biscoitos e pão de ló, desafio a doceira brasileira a saber tanto como ela.

Boa para todos, exercitava para com todos a caridade mais dedicada, e era tão amável no exercício dessa virtude, que aqueles a quem beneficiava, pareciam antes fazer-lhe do que receber dela, algum obséquio ou favor.

Coração cheio de afeto para com o próximo, tinha todavia um fraco especial para com os sobrinhos filhos do comendador Athayde, principalmente para com o Frederico o qual dos três para os sete anos, reinara absoluta e despoticamente nos domínios da tia Judith, governando sem vislumbre de leis ou de constituição.

E não eram pequenos esses domínios, e nem careciam de súditos, pois tia Judith reunia em seu sítio uma infinidade de animais domésticos. Tinha cabritos e carneiros, a vaquinha Formosa e a Branquinha, e quanto a perus, patos, gansos, marrecos e galinhas, ah!... A boa tia Judith que não tinha ânimo de mandar matar nem um só franguinho de entre os pintinhos que criara, chegando a comprar outros quando deles; precisava para qualquer necessidade de festa ou de enfermidade via com terror que seu

número era já tão avultado, que cada vez se lhe tornava mais pesado sustentá-los; mas que havia de fazer!

Quantas vezes ouvindo falar nas depredações cometidas pelos gatunos nos galinheiros da vizinhança, desejava, conquanto repelisse o mau pensamento de desejar que o próximo pecasse, que se lembrassem de aliviá-lo um pouco desse peso! Mas... quem se atreveria atentar-lhe contra a propriedade?

Pelo contrário, todos estariam prontos a defendê-la; não era ela a tia querida de todos?

Quem não poria o peito à bala por amor de tia Judith?

Os vizinhos todos à porfia lhe vigiavam o sítio, e se por acaso algum franguinho mais ousado transpunha os limites e se aventurava passar para o outro lado, era logo agarrado e restituído à boa senhora, que agradecia suspirando.

Quem nos dera uma tia Judith!

Capítulo III— Pai e filho

— Sim, papai, quero que veja como é bonita esta rosa; quero lhe veja a linda cor tão delicada e as pétalas aveludadas, como são mimosas e sem que graciosa gradação vão passando do vermelho mais vivo para a cor de rosa mais desmaiado das exteriores.

Assim falava Ernestina dirigindo-se ao pai e pondo-lhe delicadamente entre as mãos uma rosa cujos espinhos tinha tido o cuidado de tirar.

Eram mais ou menos cinco horas; o sol já declinava; o comendador e sua filha sentados debaixo de uma coposa mangueira e tendo uma pequena mesa defronte de si gozavam do fresco da tarde.

— Então papai vi-o bem? — continuou Ernestina.

— Sim, minha filha, vi.

— E vê como a tarde está formosa? Olhe, papai, não quero que perca nada desta linda paisagem. O sol já está quase escondido mas ainda lança os derradeiros reflexos sobre o repuxo. Veja como a água está brilhante; cai em filetes dourados e uma chuva de ouro, papai, água de ouro, como aquela dos contos que a minha amãe nos contava quando éramos pequenos. Acolá do lado da montanha o horizonte está todo de púrpura, o dia de amanhã deve ser esplêndido. E as nuvens purpúreas rosadas; ora parecem todas de ouro ora vão retomando a sua cor. Mas como mudam, como se transformam o horizonte parece, um imenso caleidoscópio que a todo o momento nos apresenta uma nova combinação. E lá por sobre as flores do manacá adeja uma borboleta; como é bonita! Lá vai para a roseira, já se dirigiu para o lado do repuxo querem ver que travessa agora o raio do sol? Ah, como brilha! Parece um brilhante! E voar. Vê, papai, vê tudo?

— Sim — disse sorrindo melancolicamente o comendador — vejo pelos teus olhos, minha filha; não és tu a luz dos meus?

— Não quero saber papai, vê mesmo por si; agora que prove estas ameixas: há uns poucos dias que as estou guardando na árvore para papai. Estão tão maduras! Estão cor de ouro e tão

doces que já uma abelhinha as cobiçou; que belo mel havia de fazer com elas; mas eu cheguei primeiro; a abelha havia apenas começado a provar uma delas.

— Estão ótimas, minha Ernestina. Sou bem feliz — acrescentou — pois tenho em ti, minha filha, um que suaviza e quase me faz esquecer todos os meus males; assim não tivesse isto sido à custa do sacrifício...

— Papai, vamos nós continuar a nossa leitura? — disse Ernestina interrompendo-o e pegando em um livro que se achava sobre a mesa; mas, continuou — aí vem Frederico.

De fato, Frederico meio esbaforido e todo atrapalhado como quem tinha grande notícia para dar, encaminhou-se para junto do pai.

Ernestina levantando-se foi ao encontro do irmão.

— Tome cuidado em papai — disse-lhe — vou depressa dizer a tia Judith que você já chegou.

— Era justamente o que eu queria — murmurou baixo Frederico assim que a irmã se ausentou, e beijando a mão do pai e abraçando-o, lhe disse ao ouvido algumas palavras.

O ancião empalideceu e juntou as mãos.

— Seja como Deus quiser — respondeu — e quando vem ele?

— Amanhã, papai, amanhã mesmo, mas não quer que Ernestina saiba.

Nesse momento a moça voltou, acompanhada de tia Judith que vinha quase correndo para mais depressa ver o sobrinho predileto.

Como entre as minhas leitoras deve por certo haver alguma boa tia, deixo de descrever a alegria de tia Judith vendendo saúde e tão bem-disposta.

Deixemo-los palestrar.

Capítulo IV— Os aposentos de Ernestina

Um mês depois encontramos a nossa Ernestina sentada defronte de sua secretaria e escrevendo com atenção. É ainda uma carta para sua amiga Luizinha, ou antes irmã Luiza.

Enquanto escreve, creio que poderemos sem indiscrição lançar uma vista de olhos sobre a pequena sala e para os seus aposentos particulares.

Toda a moça gesta de ter um quarto, um aposento todo seu, um lar particular no lar geral. É aí que ela, conforme os seus gostos, reúne os objetos de seu uso.

A saleta de que falamos era mobiliada com simplicidade, mas com uma simplicidade elegante e de bom gosto.

Alguns quadros de assunto religioso, algumas paisagens pintadas por Ernestina, ornavam as paredes.

Acima de um pequeno sofá cujas almofadas haviam sido bordadas por ela, um espelho muito claro refletia as flores naturais, que renovadas frequentemente, se achavam em graciosos vasos de porcelana de Sévres, sobre as mesas, onde também se podiam ver alguns álbuns de gravuras e diversos livros ilustrados.

Uma estante de feitio elegante, ocupava em um dos lados da sala, um dos principais lugares.

Vamos abri-la, e passando os olhos pelos livros que contém, veremos que Ernestina é uma jovem assaz ilustrada; pois encontramos a par de obras clássicas portuguesas, autores ingleses, franceses, italianos e também algumas obras latinas. Houve um tempo em que muito se notava a mulher que sabia latim; hoje porém, acabou-se esse prejuízo; a instrução na mulher é uma garantia. Digo porém a instrução sólida e bem dirigida e que a não a tira além dos limites que a providência lhe marcou, pois não sou de parecer que a mulher abdique o seu caráter de mãe de família, para tomar na sociedade os encargos destinados ao homem. Que uma jovem cultive a sua inteligência, é justo e útil; mas como digo, sem ultrapassar os limites.

Enquanto ao latim, nada mais razoável, nada mais vantajoso para uma senhora, do que conhecer essa língua da Igreja, e poder assim melhor apreciar as belezas dos ofícios católicos.

Além disso, a mãe deve ser a primeira professora de seus filhos e deve estar habilitada a poder mais tarde lhes dirigir os estudos.

E também, que prazer é para um marido sábio e ilustrado, ter uma companheira que o entenda e compreenda, que o saiba apreciar, e mesmo muitas vezes ajudar.

A nossa Ernestina tinha gosto esclarecido pela poesia e pela literatura; em sua biblioteca não se via um só romance.

A leitura dos romances é nociva; envenena o espírito e o coração, e sem que se pense vai pouco a pouco transtornando as ideias, abafando os princípios virtuosos e familiarizando-se com o mal. Além disso, excita a imaginação, que levada ao auge do sentimentalismo, perde o gosto da simples ventura doméstica, única verdadeira e durável.

Todavia Ernestina tinha em sua estante obras recreativas, romances não, mas histórias morais que recreando o espírito não o envenenam, antes lhe subministram alimento inocente.

Tinha algumas obras do Cardeal Wiseman, de Georgina Fulerton, — alguns opúsculos das *Letture Cattoliche** de D. Bosco, de que era assinante. Tinha livros de viagens e de história e uma prateleira toda de livros de religião e devoção, como *Introdução à vida devota*, muitas vidas de santos, livros de meditações e sobre devoção a Maria Santíssima e ao Coração de Jesus.

Tinha as inimitáveis *Paillettes d'or* e a nunca assaz louvada *Imitação de Cristo*. Possuía enfim excelentes obras neste gênero e que muito lhe serviam, pois tinha todos os dias hora marcada para a sua leitura espiritual que jamais omitia.

E nem tão pouco faltava nessa pequena mas agradável e cômoda sala, uma boa máquina de costura em que a moça trabalhava frequentemente, uma mesa de costura e bastidores de bordar, pois muito se comprazia nos trabalhos próprios de seu sexo. Levantemos agora o reposteiro que divide a sala do quarto de dormir.

Aí poucos móveis e simples. Na parede dois quadros de devota e belíssima expressão, representando um o Coração de Jesus e o outro a Virgem Santa sob a invocação *Mater Amabilis*. Entre esses dois quadros em uma bonita moldura dourada; o atestado de primeira comunhão, que lhe recordava o mais belo dia de sua vida.

Em uma espécie de pequeno altar junto do leito, duas imagens muito bem trabalhadas e muito belas; uma de Nossa Senhora e a outra de S. José. Também um crucifixo precioso, e junto a ele o genuflexório onde costumava orar e meditar.

Pois a piedosa donzela não passava dia algum sem destinar algum tempo logo ao levantar da cama para recolhendo-se no interior de si mesma meditar. “A terra está cheia de desolação,

diz o profeta, porque não há quem cogite e se reconcentre em si mesmo.”

E de fato na época presente só impera a leviandade; ninguém pensa, ninguém reflete.

As empresas de maior peso, as resoluções as mais importantes, tudo enfim, se realiza de súbito e sem a menor preparação ou reflexão.

Ernestina, porém, habituada desde mais tempo a nada fazer levemente, não omitia nunca sua meditação. Ele considerava: qual o fim para que fora criada, os benefícios que havia recebido desse Deus cheio de misericórdia, que não só criou o homem, mas o remiu à custa de seu sangue.

Pensava na maneira pela qual havia correspondido a esses benefícios, tanto gerais como particulares com que Deus a acumulara. Examinava quais os seus defeitos para procurar emendar-se deles, e quais as obrigações e virtudes de seu estado para pô-las em prática.

Lembrava-se da morte que a todos fere, e que tantas vezes se apresenta quando menos a esperam. Procurava também contemplar os sofrimentos e a paixão de um Deus feito Homem, fortalecer sua alma, para não desfalecer e poder, armada de santa coragem, resistir aos tantos e às vezes tão dolorosos combates da vida!

Mas é tempo de voltarmos à nossa narração.

(*) Consta-nos que brevemente teremos em português essas publicações tão uteis a crianças. Serão impressas e publicadas na tipografia Salesiana em Santa Rosa.⁴⁰

Capítulo V— O novo oculista

Deixemos Ernestina escrevendo à sua amiga. Vamos ler a sua carta:

“Querida Luizinha, — lá do asilo me pedem circunstanciadas notícias de papai, e como se tem dado com o tratamento do novo oculista. Não sei o que hei de responder! Eu mesmo nada sei, o que posso dizer? Você sabe que há cerca de um mês, Frederico anunciou a papai que chegou da Europa um especialista de moléstias de olhos e que seria conveniente consultá-lo. Papai consentiu, mas não sei porque motivo, a não ser receio de que eu me afliesse demasiadamente se o prognóstico fosse contrário, por mais que pedi, não me deixaram assistir ao exame.

Mais ainda: disseram-me que o oculista tinha dito que não desejava que eu estivesse presente na ocasião de suas visitas, pois que sendo as senhoras muito nervosas, podia impressionar-me e que isso o perturbaria. Enfim, fosse qual fosse o motivo, eu até hoje não vi o médico. Frederico diz-me que tudo vai bem; papai também me anima muito, porém não sei o que devo pensar deste mistério. Mas possa eu ver restabelecido o meu caro pai, é esse o meu mais ardente desejo, e você minha querida Luizinha...”

Porém eis que de repente, a moça deixa cair a pena e levanta-se sobressaltada.

Empurravam a porta com violência e ouvia-se a voz de Frederico que gritava de fora com toda a força:

— Ernestina, abre, abre.

A jovem correu para a porta e quase caiu no chão, tal foi o ímpeto com que o irmão entrou na sala.

— O que é? — exclamou toda assustada.

— Vem, vem — disse Frederico encaminhando-a para o quarto do comendador.

Ernestina seguia-o toda trêmula, mas eis que também o pai se encaminha para ela; vem só e sem amparo, corre; meus olhos já não estão mortos e apagados; vivem, brilham, ele vê!

— Ernestina, minha filha, demos graças a Deus!

A emoção foi por demais violenta para a moça; empalideceu, quase desmaiou.

Tia Judith correu para ela.

A alegria porém não mata; Ernestina abraça eternamente o pai, e não cessa de dar graças a Deus; chora e sorri!

O comendador volta-se então para o exímio oculista que o tinha tratado com tanta perícia e desvelo e que se conservara até ali meio oculto por detrás de um reposteiro, e oferecendo-o à filha diz com voz comovida.

— E eis aquele a quem abaixo de Deus, eu devo a vista.

Ernestina olha e dá um grito!

Era o Dr. Adalberto que inclinando-se profundamente ante a moça procurava ocultar a sua emoção.

— Sr. Doutor, — diz-lhe Ernestina com voz comovida — devo-lhe abaixo de Deus, a maior ventura de minha vida.

— A sua ventura é a minha, dou graças a Deus, minha senhora, por ter-me concedido poder proporcionar-lhe esta alegria...

Houve um momento de silêncio.

Frederico julgou dever interrompê-lo

— E agora, irmãzinha. — disse, dirigindo-se à jovem — Agora que todos os obstáculos estão desmanchados, *a quand la noce?*⁴¹

— Quando papai quiser — respondeu Ernestina olhando para o pai.

— Então, o mais brevemente possível — respondeu o comendador e juntando as mãos dos noivos: — Deus os abençoe, meus filhos — disse alegremente.

Capítulo VI — Preparativos e projetos

Quem ficou bem contente foi tia Judith!

Duas alegrias: a cura do irmão e o casamento da sobrinha. E quem sabe? Falava-se pela boca pequena que Frederico também... Enfim, tia Judith, por enquanto, tinha bastante em que se ocupar.

— Pois, menina, — dizia ela a Ernestina — teu pai quer que o casamento se celebre quanto antes; convém cuidar do enxoval no teu vestido de noivado, nos...

— Ora, tia Judith, — respondia a moça — sabe que eu não gosto de luxo, e sabe também quais são as minhas intenções.

— Sei, menina, mas em tudo há meio termo. Olha, eu já estou tratando de tudo, pois tam-

bém me encarrego de dirigir os festejos. Queres dar um banquete aos teus pobres e uma merenda às orfãzinhas do asilo; é preciso cuidar nisso quanto antes, não há tempo a perder.

— É verdade, titia — respondia Ernestina, e beijando a tia com carinho, dizia-lhe com um arzinho malicioso — não seria bom mandar buscar alguns dos seus franguinhos lá do sítio?

— Qual franguinhos do sítio — respondia a tia muito séria — chegariam aqui todos machucados e não prestariam para nada; não faltam frangos na praça do mercado; fica sossegada, encarrego-me de tudo isso, e quero também ser eu mesma quem faça o bolo do noivado, o *bride-cake*⁴² como diz Frederico. Tenho uma receita especial que me deu a senhora do cônsul inglês, e assim terás o genuíno *bride-cake*. E deve ser bem grande, pois tens de mandar a cada uma de tuas amigas.

— É verdade, tia Judith, deve ser bem grande, pois pretendo também na repartição, não esquecer as nossas orfãzinhas.

E o comendador?

Como para tomar posse da recobrada vista, não cessava de passear por toda a casa, tudo examinava e nada deixava escapar as suas investigações.

Parecia ter remoçado de vinte anos, e nessas amenas e íntimas reuniões de família as suas

risadas em nada diferiam das que a todos os instantes se ouviam entre os três alegres jovens.

— E agora, tia Judith — dizia Frederico — não queremos mais que volte para o sítio. Ficamos morando todos juntos aqui.

— Sim, mana Judith — acrescentou o comendador — faça-nos a vontade.

— Verá como havemos de animá-la — continuava Ernestina — será cada vez mais querida.

— E agora que tem mais um sobrinho para lhe querer bem! — dizia afetuosamente o Dr. Adalberto.

— Mas meus filhos, o que hei de eu fazer aqui? Querem que viva na ociosidade? Uma vida inútil?

— Inútil, tia Judith? Aqui também há pobres para socorrer como lá em Niterói, e doentes para visitar — disse Ernestina.

— E dois médicos para tratarem deles — continuou o Dr. Adalberto.

— Além disso, titia, — acrescentou Ernestina — pode mandar buscar a Formosa e a Branquinha, e temos muito espaço para criar...

— Criar o que? — interrompeu Frederico — acabaram-se os pintainhos, tia Judith, agora vai criar os sobrinhos-netos. Mas cuidado, titia, não lhes faça tantas vontades como fazia a mim! Quase que fiquei malcriado!

A boa velha sorriu; pela imaginação lhe passava uma turba de risonhos querubins, que

cheia de solícito desvelo, embalava e acariciava. Não pôde resistir.

— Pois bem! Já que assim o querem, façolhes a vontade; mas há de ser com a condição de irmos todos passar um mês por despedida no sítio, logo depois do casamento de Ernestina.

— E será uma ditosa lua de mel — disse o Dr. Adalberto

— E de doce — acrescentou Frederico — lembrando-se dos que fazia a carinhosa tia.

— Então, está decidido — disse o comendador.

— Passou unanimemente — responderam todos.

Capítulo VII — A voz de uma mãe

Essas alegres conversações, terminavam geralmente cerca das dez horas da noite; hora em que, depois do chá, o Dr. Adalberto retirava-se para a sua casa e os outros para seus aposentos.

Acompanhemos Ernestina ao dela. A moça parecia preocupada como quem tinha a cumprir um dever, ao mesmo tempo, grato e doloroso.

De fato, tia Judith lhe havia entregado essa manhã um pequeno cofre de prata, onde se achava encerrado um manuscrito, que a mãe de Ernestina, em seus últimos momentos a tinha incumbido de entregar à moça, na ocasião, em que estivesse para tomar estado.

Ernestina o havia recebido com filial afeto e respeito, e aguardava a noite, para com todo

o sossego e atenção, tomar o conhecimento dos derradeiros conselhos de sua extremosa mãe.

Como lhe palpitava o coração abrindo o cofre! Corriam-lhe dos olhos abundantes lágrimas, e sem querer, soluçava!

Sentou-se junto ao pequeno altar em que se achava a imagem de Maria Santíssima e aos pés da Mãe celeste, abriu o invólucro já amarelado pelo tempo, onde ia ver as últimas palavras de sua mãe terrestre. Era um maço de papéis, encerrados com um sobrescrito lacrado, onde se achavam escritas as seguintes palavras: À minha dileta filha Ernestina quando estiver para tomar estado.

A moça beijou repetidas vezes os papéis e, depois de ter aberto o sobrescrito com todo o cuidado, começou sua leitura.

Eis o que continham:

“Filha muito amada, quando receberes este meu escrito, já tua mãe não existirá sobre a terra; sinto-me desfalecer, e bem conheço que poucos dias me restam de vida; espero porém que Deus pela sua misericórdia me receberá no Céu. Oh! como de lá hei de velar por meus filhos! Como há de ter visto no sobrescrito em que encerrei estas últimas palavras dirigidas a ti, só podes ler estes meus derradeiros conselhos quando estiveres prestes a tomar estado. Ah! quanto anelaria achar-me então junto a teu lado, e poder guiar-te e dirigir-te, nesta tão solene fase de tua

vida. Deus determinou de outro modo; faça-se a sua santa e adorável vontade!

Todavia me é doce, poder ainda por meio destes escritos, tomar por assim dizer, parte nessa tão importante ação, e estou persuadida que ouvirás, dócil e respeitosa, a voz que de além túmulo te faz ouvir tua mãe. Não te falarei de teu pai, minha Ernestina, sei quanto o amas, e que sabes conhecer os deveres de filha.

Chegará porém o tempo em que precisará de ti mais especialmente, pois é já idoso. É nessas conjunturas que as filhas se tornam mães!

Ernestina, vela pelo bem espiritual de teu pai. És também uma boa irmã; eu te recomendo Frederico.

Ele é mais velho do que tu, mas à mulher é destinado o apostolado da família, e a influência de uma irmã piedosa, é sempre eficaz. Falemos, porém, nos deveres do teu novo estado. Estou bem certa que terás escolhido um esposo temente a Deus e religioso; um homem sem princípios religiosos não pode jamais fazer a felicidade de uma esposa. Estou também persuadida que não te há de ter deixado levar por nenhum afeto leviano e irrefletido, mas sim por um sentimento baseado na estima e confiança inspiradas pelo caráter e qualidades, desse que aceitaste para companheiro da tua vida. Deus te encha de venturas minha filha; todavia lembra-te que embora sejas feliz, na terra não existe dita completa, e

arma-te portanto da coragem necessária para o tempo da adversidade. Demais por melhor e mais extremoso que possa ser um esposo, a dias mais trabalhosos e mais difíceis de passar. É nesses dias que a esposa cristã se deve revestir de ainda maior paciência e doçura. E não penses que só nas ocasiões importantes é que te deve sacrificar; na vida doméstica existe também abnegação oculta, os sacrifícios de todos os momentos, que por não ser aparente, não deixa todavia de ser difícil e por consequência meritório. Quantas vezes desejarias ficar em casa e terás de sair; quantas outras quiseras sair e tens de contrariar tua vontade... Enfim, essas virtudes pequeninas, mas de todos os momentos, são as que mais que tudo contribuem para a paz doméstica. Respeita teu marido e que tua feição jamais degenere em demasiada familiaridade; o respeito mútuo aumenta a afeição e conserva a harmonia. Deves do mesmo modo procurar viver em boa harmonia com os parentes de teu esposo, e amar e respeitar seu pai e sua mãe, como desejaria que ele nos amasse e respeitasse, a teu pai e a mim.

E não negligencies os teus deveres de dona de casa. O bem-estar material é tão bem o penhor de paz e de felicidade. Regula tuas despesas conforme as posses do teu marido; não sejas exigente e lembra-te que a economia discreta e bem entendida é mãe da generosidade da caridade, pois filha querida, creio que escusado recomen-

dar-te que jamais deixes de socorrer os pobres e necessitados. Ah! Não é nunca esmola que empobrece as famílias, mas sim o luxo, o desarranjo e o desmazelo.

E deixa que agora te fale no mais importante de teus deveres, isto é: nos deveres de mãe.

A vida de uma boa mãe deve ser toda de abnegação e dedicação. Deve-se educar teus filhos, não para ti, mas sim para Deus que ti os confiou, e para que cumpram o fim para a qual ele os criou. Assim que os primeiros os clarões da inteligência luzirem em seu espírito. Deve-se ensinar-lhes a amar e ia servir a Deus. Deves também firmar-lhes a consciência, dando-lhes a linguagem da razão e da sabedoria e acostuma-los a saberem dominar a sua vontade. Procura desenvolver neles os sentimentos generosos, a honra, a sinceridade, a dedicação. Faça com que saibam desprezar os respeitos humanos, e caminhar pelas veredas do bem. E como penhor de ventura e consolo na terra, e de salvação eterna, procura desde sua mais tenra idade, imprimir em suas Almas o amor e a devoção a Maria Santíssima, seguro sinal de predestinação. Inspira-lhes do mesmo modo o respeito à Igreja, que é a casa do senhor e onde ele habita entre nós, no santíssimo sacramento.

Porém, Ernestina, minha tão amada filha, recorda-te que se a ti compete lançar a

mente do bem no coração de teus filhos, só Deus é que pode fazer frutificar, e por isso te recomendo a frequência na oração. A mãe de família tem necessidade de a todo momento implorar o auxílio divino!”

Seria demasiadamente longo enumerar aqui tudo quanto dizia a piedosa mãe; afinal terminava:

“Quiser ainda falar-te, filha mil vezes amada, e custa-me terminar este meu derradeiro colóquio, porém a vista se me escurece, e a pena me foge das mãos!...”

Ernestina adeus! Ainda uma vez, eu te abençoo; possamos nós nos encontrar e reunir para sempre no Céu.”

Ao terminar esta leitura muitas vezes interrompida pelo pranto que lhe escurecia a vista e molhava o precioso manuscrito, e pelos óculos de afeição filial e dolorosa saudade que essas linhas escritas por sua extremosa mãe, de novo lhe despertavam, Ernestina caiu de joelhos e escondendo o rosto entre as mãos, chorou longamente!

De repente pareceu-lhe ouvir que a porta que dava ingresso ao quarto vizinho onde dormia tia Judith se abria devagar e sentiu que suavemente a abraçavam. Era com efeito a boa tia, que despertando julgou ouvir um soluço meio abafado, e levantando-se apressadamente entrou no quarto da sobrinha.

— Tão tarde ainda acordada, minha filha — lhe disse com voz carinhosa.

E assim falando a ia levantando e tendo-a feito deitar, sentou-se junto ao seu leito.

Muito tempo conversaram; tia Judith com terno desvelo foi pouco a pouco acalmando a dor de sua cara Ernestina, foi-lhe desviando o pensamento para mais alegres ideias; até que afinal as respostas da jovem se tornaram incoerentes, depois mais demoradas, e por fim o seu brando respirar deu a conhecer à boa senhora que conseguira o seu intento, e que Ernestina dormia placidamente.

A boa tia sorriu com brandura, cerrou-lhe um pouco as cortinas do leito, e retirou-se de pé ante pé.

Capítulo VIII — Os brilhantes de Ernestina

No dia seguinte, o comendador e sua família e também o bispo D. Luiz e o Dr. Adalberto achavam-se reunidos no locutório do asilo de Nossa Senhora do Patrocínio, para aí juntamente com a santa superiora deliberarem sobre assunto importante.

Tratava-se de ver qual o emprego que se havia de dar à soma destinada pelo comendador para as jóias do noivado de sua amada filha e que a mesma desejava, pudesse ser empregado em uma obra de caridade útil e durável.

— Sim — dizia o bispo — uma obra durável; a soma não é pequena, visto que o Sr. Dr. Adalberto ainda o aumentou e D. Judith também abriu de novo e com a costumada genero-

sidade, as suas mãos caridosas. Devemos portanto empregá-lo em alguma fundação, cujos benéficos resultados perdurem além da vida dos fundadores; comum estabelecimento estável enfim, e possa produzir perpetuamente, frutos de caridade.

— Tem toda a razão — disse o Dr. Adalberto. Os outros acederam com um sinal de assentimento.

— Vamos, Ernestina — continuou o bispo — te parece melhor minha filha?

— Meu padrinho é quem deve escolher.

— Não menina, dize tu o que mais desejas; aprovarei, no caso em que não julgue conveniente o teu projeto, dir-te-ei as minhas razões.

Ernestina fez sinal à superiora pedindo como que falasse em seu lugar, Maria do Patrocínio, sorriu-se brandamente para ela e disse dirigindo-se ao bispo.

— Meu tio, a nossa Ernestina já me havia comunicado o seu desejo, e eu o acho tão justo e santo que me parece que todos o hão de aprovar. Ela queria fundar um asilo ou casa de refúgio, onde essas pobres desgraçadas que infelizmente são agora em tanto número, pudessem encontrar, não só subsistência e amparo, mas todos os meios de regeneração moral e de reabilitação. Esse estabelecimento sábio e caridosamente dirigido; seria um manancial de purificação. Serviria para, arrancando à sociedade membros

gangrenados e corruptores, restituir-lhes, purificados e cheios de vida para moral; membros que em vez de servirem de perdição poderão por sua vez contribuir para a regeneração e virtude.

— Muito bem! Aprovamos muitíssimo; — exclamaram todos.

— E quem melhor do que a irmã Maria do Patrocínio, se poderá encarregar desta obra grandiosa em benéficos efeitos? — Perguntou o comendador.

— Espere, Sr. comendador — continuou a superiora, e dirigindo-se outra vez ao bispo: — Meu tio sabe, somos pouco numerosas, que temos já a nosso cargo três asilos; e que além disso, essa casa de refúgio não deve estar unida às que já temos, mas ser separada delas; lembro-me que seria conveniente mandar buscar para dirigi-lo, as irmãs do Bom Pastor. Essas religiosas que foram estabelecidas justamente para esse fim, estão habituadas a essa obra tão grande de caridade, e assim a sua experiência seria já uma garantia de bom resultado. Elas recebem essas infelizes, procuram inspirar-lhes bons sentimentos; ai! quantas se tem deixado cair cada vez em maior abismo, por falta de mão caridosa que logo ao princípio as poderia ter salvado; mas, como dizia, elas as reabilitam, instruem e regeneram; inspiram-lhes o amor ao trabalho e afinal dispõe o seu bem individual e para o bem geral da sociedade.

— Sim, sim, — exclamou Ernestina — mandemos vir as irmãs do Bom Pastor.

— São francesas? — perguntou o comendador.

— São — respondeu o bispo — e na última viagem que fiz à França, estive com elas, falei-lhes no Brasil, e elas se mostraram prontas a vir exercer em a nossa pátria, a sua santa Missão.

— Ainda não falei? — disse então Frederico — peço pois a palavra para declarar, que tencionando também formar estado, na medida esta que merece toda a aprovação de meu pai e de minha família, desejo do mesmo modo, que por meio dessa obra de caridade, a minha união seja igualmente abençoada por Deus. Contribuirei pois para ela, com a soma que for necessária.

— E o meu sítio da Praia Grande que tem casa tão grande e espaçosa, não poderia servir para esse asilo? — perguntou a boa tia Judith.

— Espere tia Judith (a superiora também a chamava tia) — disse Maria do Patrocínio — temos outra coisa. A casa deve ser aqui na corte; pode sim ser em qualquer arrabalde, contanto porém que seja na corte. Ora papai e mamãe têm muito desejo de fundarem um outro estabelecimento de caridade, e antes de partirem para a Europa, me entregaram para esse fim a sua chácara de *** que tem uma muito boa casa. Parece-me que o lugar é apropriado.

— Ótimo — replicou o bispo.

— Então estamos concordes — disse o comendador — e como sei que a irmã Maria do Patrocínio, tem muito em que se ocupe, dizemos-lhe adeus, passamos pela capela para fazermos a nossa oração e vamo-nos embora.⁴³

*

Com efeito todos se retiraram, mas em caminho, o bispo que ia mais atrás com o Dr. Adalberto, dirigindo-se para ele, disse:

— Quanto me comove ver a inocência e a candura, dando a mão ao arrependimento! Pois Ernestina foi quem teve esta lembrança;

— Ernestina é um anjo — respondeu o Dr. Adalberto com emoção — não sei como mereci de Deus este tesouro inestimável!

— Não se lembra das palavras do Eclesiástico? — lhe respondeu o bispo — A mulher virtuosa será dada ao homem temente a Deus, em prêmio de suas boas obras.

Capítulo IX — Conversas

Já por toda a parte sabia-se da chegada de Dr. Adalberto e da cura do comendador efetuada pelo mesmo Dr. Adalberto, que tinha estado durante todo esse tempo na Europa, estudando com maior aplicação as moléstias de olhos. Sabia-se também que o casamento de Ernestina se achava de novo reatado; e por todos estes faustos motivos, multiplicavam-se as congratulações e as visitas em casa do comendador.

De noite especialmente, muitas vezes a sala se achava repleta de moças que não só vinham felicitar a Ernestina, como também, movidas pela curiosidade, queriam vê-la e tomar parte nos aprestos do noivado, dos quais um dos principais para elas era o enxoval.

Filha de um tão abastado capitalista, e além disso tão extremosamente querida pelo pai, imaginavam que as mais ricas lojas de modas e de fazendas, seriam postas em contribuição, que as costureiras e modistas as mais afamadas, não teriam mãos a medir e que os brilhantes os mais preciosos, passariam dos mostradores do Farani e Luiz de Rezende, para os cofres de jóias da ditosa Ernestina;

Ah! Que elas não haviam ainda penetrado no coração puro, ingênuo e abrasado em caridade da meiga menina! Ah! Que elas ignoravam quais os projetos que o recôndito de sua alma meditava a jovem donzela!

Uma das mais empenhadas nesse assunto era a altiva Demétria, e conquanto Frederico com quem ela assaz se aprazia em conversar, muitas vezes lhe houvesse dito que sua irmã era uma moça *sui generis*,⁴⁴ como ela dizia, pela mente da vaidosa jovem, sem cessar passavam ricas pulseiras, anéis preciosos e colares deslumbrantes!

Era de noite; a sala se achava cheia de moças, umas ao redor do piano e da harpa, examinavam com Ernestina uma das músicas novas recentemente chegadas, outras folheavam álbuns, e em um outro grupo, algumas entre elas Demétria, conversavam com Frederico.

É desse grupo que nos vamos aproximar, poderemos sem dificuldade ouvir a conversa em que se acham entretidos, Frederico e Demétria.

— E então deveras D. Ernestina ainda não tratou de escolher suas joias?

— Ah! minha senhora, pois não lhe disse que Tinoca é uma moça muito original, toda de gostos excêntricos!

— Mas nesse caso, o Sr. seu pai pode escolher para ela.

— Sem dúvida, mas parece-me que ela entregou essa escolha a outras pessoas.

— Ao Dr. Adalberto?

— Não senhora, esse é mais ou menos tão excêntrico como ela, e naturalmente...

— Mas então, a quem?

— Ao Sr. D. Luiz e a irmã Maria do Patrocínio.

— Deveras?! O Sr. está caçoando!

— Caçoando, minha senhora! Eu não me atreveria.

— Ora vamos lá; mas falemos em outro assunto; e o senhor quando se casa?

— Ora, minha senhora, quem quer casar comigo? Se eu soubesse que achava!

— Porque não experimenta?

— Se v. ex. me assevera que não levarei de taboa...

— Assevero, sim. Olhe, aqui mesmo, talvez encontrasse.

— Quer ajudar-me a procurar, minha senhora? Vejamos se entre as amigas de minha irmã aqui presentes, alguma se dignaria aceitar-me.

— Que diz a Zeferina Mendes? É verdade que não aconselho essa é tão...

— Sim; está fora de questão.

— Talvez a Isolina Soares; não é feia.

— Não de certo! Lá por ser acusado a coxear um pouco não deixa de ser muito simpática; é vejo que v. ex. sabe escolher muito apropriadamente. Mas ainda não acertamos. Que diz da menina Julieta, filha do Dr. Tancredo?

— Da Julieta? Aquela tolinha sem graça nem espírito? — respondeu Demétria com um certo susto, pois que tinha suas pretensões sobre Frederico, cuja fortuna lhe aparecia como encantadora miragem. — Já vejo que está gracejando. É uma menina da roça, como se costuma dizer. Nem sabe se enfeitar; anda tão simples; sempre vestida de branco.

— É verdade, é muito simples e singela.

— E em casa só se ocupa em ensinar os irmãos e em ajudar a mãe. Nunca a vi na rua do Ouvidor; é, como já disse, verdadeiramente uma menina da roça. É verdade que poderia servir para professora, ou então, acrescentou com desprezo, para criada de servir, pois criada de servir está sempre trabalhando.

— Acertou!

— Além do mais, beata! Ouvi dizer que se confessa todos os meses!

— Deveras?

— Essa não serve para casar com um moço de fortuna, que precisa, de quem lhe faça valer o dinheiro.

— Tem razão!

— De quem saiba ocupar a sua posição.

— Perfeitamente!

— E eu acho bom que se lembre de outra.

— Muito bem!

— De alguma que tenha bom gosto, saiba trajar com eloquência, tenha garbo enfim!

— É exato!

— Conhece alguma que tenha esses predicados?

— Ah? uma conheço, cuja formosura, cujos dotes..., mas aceitar-me-ia?

— Porque não?

— Uma cuja modéstia e candura...

— Acaba — interrompeu Demétria admirada de lhe terem descoberto essas virtudes, pois com certeza supunha que se tratava de sua pessoa.

— Permitir-me-ia ela, que a fosse pedir a seus pais?

— Creio que sim — respondeu procurando abaixar os olhos.

— E ser-me-ia dado esperar um sim?

— Com certeza — replicou fingindo corar.

— Então dá-me licença de lhe dizer quem é?

— Diga.

— A menina Julieta, filha do Dr. Tancredo.

E assim dizendo Frederico levantou-se de um salto e dirigiu-se para o lado do piano.

Demétria mordeu os beiços com furor, e voltando-se para uma das jovens a cujos ouvidos haviam chegado algumas palavras de precedente conversa, disse-lhe com um riso amarelo.

— É muito estúpido aquele Dr. Frederico.

A resposta da moça foi uma grande gargalhada.

Capítulo X — As núpcias

Chegara finalmente o dia solene e para o qual, tanto Dr. Adalberto como a nossa Ernestina, se haviam preparado por alguns dias de retiro, pela maior frequência na recepção dos sacramentos e por muita oração.

A oração é a chave de ouro que abre os tesouros do Céu; porque pois, nós pobrezinhos e destituídos desses tesouros, tendo em nossas mãos o meio de atraí-los, o desprezamos?

Porque motivo não havemos de fazer preceder os atos mais solenes de nossa vida por um redobrado apelo. Aquele que nos disse de sua própria boca: — *Pedi e recebereis!*

Mas eis que se aproximam os noivos. E em seus rostos resplandece uma sacra paz, suas al-

mas estavam firmes na santa resolução do bem: sentiam-se abençoadas por Deus.

Adiantam-se! Como diz bem em Ernestina o seu simples, mas elegante vestuário de noiva; o longo véu que lhe envolve a fronte radiante de candidez e de formosura, a cólera como de uma vaporosa nuvem, que a torna semelhante aos querubins, que em suas longas asas encobrem a face angélica.

Era um par bem adaptado, mais também no Dr. Adalberto, não faltava beleza varonil, que a virtude imprime na fronte dos que sempre lhe seguiram as retas veredas.

O bispo D. Luiz de Mendonça, ao qual haviam sido concedidas dadas as necessárias licenças, depois de uma tocante locução dá princípio à cerimônia.

Os noivos pronunciam as palavras sacramentais...

Céus! Ei-los unidos! Possa essa união terminar na terra, mas perdurar eternamente lá na glória celestial!

A missa principia; seguem-se as bênçãos!

Afinal terminou a cerimônia e os ditosos noivos saem da capela.

Mas que numeroso cortejo os acompanha! Nobres, grandes da terra, amigos, uma turba de gente! E aos pobres socorridos pela virtuosa jovem, os órfãos, as viúvas, tudo de misturam tudo alegre, tudo!... E a chuva de flores lançadas

pelas orfãzinhas do asilo, que em duas fileiras os acompanhavam da porta da capela à do palacete do comendador! E vivas e parabéns, e gritos de alegria, e o estouro das bombas e das girândolas, e Pippo, que vestido de trovador à testa de um bando de pequenos igualmente vestidos, saúda os criados com um hymno festival, e as bandas de música e o repique dos sinos, e os ramalhetes sem fim... E lá ao longe nos humildes tugúrios da pobreza e enfermidade, a voz menos ruidosa, mas talvez mais penetrante, dos tantos indigentes, a quem nesse dia duas irmãs de Nossa Senhora do Patrocínio encarregadas pelos virtuosos noivos haviam levado o socorro, o bem-estar, a salvação.

— E foram ditosos?

— Tanto quanto se pode ser na terra.

— Porém qual das duas escolheu melhor?

Maria do Patrocínio ou Ernestina?

— Respondo sem hesitar: Maria escolheu melhor, pois não há nada que se possa comparar ao esposo celestial. Todavia, não somos nós que determinamos a nossa vocação, mas sim Deus Nosso Senhor. O que a nos compete, é procurar não nos apartarmos dessa vocação, e empregarmos todos os meios para, mediante os auxílios divinos, nos santificarmos no estado para o qual Deus nos destinou.⁴⁵

FIM

Nota da autora

Julgava ter terminado a minha narração, quando encontrando uma amiga, ela me disse toda açodada:

— Então, você tenciona terminar sua Ernestina como terminou a Maria do Patrocínio, de repente e só dando conta das principais personagens?

— Pois então! Isso é que é *chic*!

— Pois então! Isso é que é o *chic*!

— Qual *chic*, nem meio *chic*; não faça semelhante coisa; é preciso dizer que fim tiveram, este e aquele.

À vista, pois, do que me disse a minha amiga, aqui estou pronta a responder a todas as perguntas: podem começar o interrogatório.

— O Dr. Frederico sempre casou?

— Sim, senhora, com a menina Julieta, filha do Dr. Tancredo.

— Tia Judith ficou morando com o irmão e sobrinhos?

— Ficou; vive muito contente criando os sobrinhos netos, que na realidade são lindos e ótimos meninos.

— E Pippo?

— É hoje em dia um dos mais afamados violinistas.

— E Nina?

— Tomou o véu no asilo do Patrocínio.

— E a superiora e a irmã Luizinha? E Felismina?

— Continuam sua vida de abnegação e santidade.

— E...

— Ora! Agora basta!... Demais, tenho que fazer; quero ver se em algum recôndito canto, posso encontrar uma simples e modesta
— *Violeta.*



Notas

Notas

1 Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/brasileira.htm#ftnref110>. Acesso em jul. de 2023.

2 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1888, p.2. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/14772. Acesso em jul. de 2023.

3 Duarte, 2020.

4 *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil* (1924, pp. 684-685)

5 *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de junho de 1881, p.1. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/3347. Acesso em jul. de 2023.

6 *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1888, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/100439_02/5516. Acesso em jul. de 2023.

7 *O Apostolo: Periodico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade*, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1888, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/343951/11512>. Acesso em jul. de 2023.

8 Silva, 2009, p. 104.

9 Freyre *apud* Mançano, 2010, p. 6.

10 Modenez, 2016.

11 *Ibidem*.

12 *Cidade do Salvador*, Salvador, 23 de julho de 1898, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/343951/11512>. Acesso em jul. de 2023

13 Essa informação pode ser verificada no seguinte link: <http://memoria.bn.br/docreader/343951/7322>. Acesso em jul. de 2023.

14 El Far. Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*, 2004. (2004, p.85).

15 *Ibidem*.

16 Lajolo e Zilberman, 2001.

17 Lajolo e Zilberman, 2015.

18 Sedgwick, 2000.

19 Pinheiro, 2008, p.178.

20 Pinheiro, 2008.

21 El Far, 2004.

22 El far, 2004, p.179.

23 Abreu, 2001.

24 Imagem retirada do *Cidade do Salvador*, Salvador-BA, 25 de julho de 1898, p.1.

25 Sílfides. Figuras mitológicas do ar, na tradição germânica.

26 Polca. Estilo de dança popular austro-húngaro, introduzido nos salões europeus de dança do século XIX.

27 No original, está escrito “carceia”. Acredito que tenha um erro tipográfico e seja “carecia” ou um tipo de conjugação do verbo carecer. Entretanto, ambos os usos seriam no sentido de carência, por isso alterei a palavra.

28 “com o devido respeito”

29 “Oh, pobre criança, acredite em mim, não estamos felizes aqui. Quando você pisa em seus pés, escuros, sedosos. Quando você tem diamantes, joias de ouro, caxemiras Esprit, graça, frescor, afeto, sorrisos. Olhares de simpatia, quantos você quiser, E no fundo do seu coração você sente...”

30 Aida (1870), de Giuseppe Verdi.

31 “minha querida irmãzinha”.

32 “O lindo céu do tão que eu gostaria de devolver a você
A doce brisa do solo nativo...!”

33 “Morrer é puro e belo...”
“Ó ciclos azuis... Ó doces auras nativas,
Doce serena minha manhã brilhante!”

34 “bife de carne”

35 “contradizendo ninguém”

36 Trata-se de uma expressão. *Haug* pode ser uma abreviação de *haughty*, com isso, seria algo como “política arrogante”.

37 “irmã mais nova”.

38 Essa linha consta na versão do folhetim. Resolvi manter, pois ela parece estar ligada ao avanço temporal que ocorre na narrativa no fim dessa primeira parte.

39 “Os leitores que já tiveram lido—Maria do Patrocínio—compreenderão fato aqui felizmente se refere.” - Essa é uma nota feita no próprio jornal *Cidade do Salvador* (BA). Maria do Patrocínio (1879) foi o folhetim que antecedeu Ernestina, ambos da escritora Gabriella de Jesus Ferreira França.

40 Essa nota constava no final do folhetim do periódico *Cidade do Salvador* (BA) como um anúncio das futuras traduções.

41 “Quando é o casamento?”

42 “bolo de casamento”

43 “Seria com efeito, obra muitíssima meritória e transcendente utilidade, fundar-se aqui uma dessas casas de refúgio dirigidas pelas irmãs do Bom Pastor. Oxalá alguma das nossas distintas Senhoras Brasileiras, se lembrassem de realizar esse bem imenso. Ah! se todos se privassem de alguma joia, de algum prazer!... Essas quantias juntas serviriam para dotar o nosso país, de uma instituição, que contribuiria poderosa e eficazmente para a regeneração da sociedade. (Nota da autora)” - Essa nota estava escrita no meio do folhetim publicado no periódico *Cidade do Salvador* (BA).

44 “Peculiar”

45 Essa parte após o traço faz parte da materialidade do folhetim, também não sei se faz parte da primeira edição impressa do romance, pois não tive acesso a um exemplar.



Referências bibliográficas

Abreu, Márcia. *As diferentes formas de ler*. Originalmente apresentado na Mesa-redonda Práticas de Leituras: história e modalidades, no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001. Disponível em [Diferentes formas de ler. Márcia Abreu \(unicamp.br\)](http://Diferentes%20formas%20de%20ler.%20M%C3%A1rcia%20Abreu%20(unicamp.br)) Acesso em mai. de 2023.

El Far, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 373 p.

Lajolo, Marisa; Zilberman, Regina. “A profissionalização do escritor no Brasil do século XIX”. *Fragmentum*. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 45, abr./ jun. 2015.

Lajolo, Marisa; Zilberman, Regina. *O preço da leitura*. São Paulo: Ática, 2001.

Mançano, Regiane. *Livros à venda: Presença de romances em anúncios de jornais*. Orientadora: profa. Dr. Márcia Azevedo de Abreu. 2010. 319 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

Modenez, Julio Cesar. *Dois Mundos? Um estudo dos mercados livreiros carioca e parisiense em meados do século XIX*. Orientador: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu. 2016. 138 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/> . Acesso em: 14 abr. 2023.

Pinheiro, Alexandra Santos. “Entre contratos e recibos: o trabalho de um editor francês no comércio livreiro do Rio de Janeiro oitocentista”. In: Abreu, Márcia *et al*, (Org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. 1. ed. Campinas: Mercado Letras, 2008. vol. 1, p. 171-186.

Sedgwick, Ellery. “Magazines and the Profession of Authorship in the United States, 1840–1900”. *The Papers of the Bibliographical Society of America*, vol. 94, n. 3. 2000. pp. 399-425.

Silva, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: Circulação de romances e conexões comerciais em*

Fortaleza (1870-1891). Orientador: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu. 2009. 234 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/> . Acesso em: 14 abr. 2023.

Título	Ernestina
Autoria	Gabriella de Jesus Ferreira França
Organização	Jhonnata dos Santos Nogueira da Conceição
Coordenação editorial	Márcia Abreu
Preparação do original	Enzo Enrico Gaio de Carvalho
Revisão	Alice Siqueira Ribeiro Leticia Da Silva Reis Santos
Diagramação	Enzo Enrico Gaio de Carvalho
Design de Capa	João Pedro Missi Pereira
Capa	Enzo Enrico Gaio de Carvalho com Canva AI
Projeto Gráfico	Presto Kowask
Formato	10,5 x 18 cm
Tipologia	Minion Pro

Ernestina ou cenas da vida contemporânea foi anunciada no periódico *O Apóstolo*, em 1888 como: “um dos melhores romances que se têm publicado entre nós, quer por suas scenas naturaes, quadros bem descriptos, linguagem fácil e amena, quer pela mais escrupolosa moralidade. É, sem dúvida, um livro de honra na bibliotheca de qualquer senhora que se dê à literatura.” Jhonnata dos Santos N. da Conceição resgata do esquecimento essa obra, que é um perfeito retrato do Brasil do século XIX, com suas preocupações morais, religiosas e sociais.